



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KAYLANE MORAES DA COSTA

**MEMÓRIA E DISPUTA DE NARRATIVA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE
JAIR BOLSONARO E DE SEUS SEGUIDORES COMO USO POLÍTICO DO
PASSADO HISTÓRICO DITATORIAL (2018-2022).**

PARNAÍBA-PI
2025

KAYLANE MORAES DA COSTA

**MEMÓRIA E DISPUTA DE NARRATIVA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE
JAIR BOLSONARO E DE SEUS SEGUIDORES COMO USO POLÍTICO DO
PASSADO HISTÓRICO DITATORIAL (2018-2022).**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do
Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton

**PARNAÍBA-PI
2025**

Ricardo Lessa: Seu livro de cabeceira?

Jair Bolsonaro: Verdade Sufocada.

Ricardo Lessa: Verdade...de qual autor?

Jair Bolsonaro: O autor? (risada)

Leonêncio Nossa: Ustra

Jair Bolsonaro: É uma história real do Brasil, você tem que ver os dois lados. Ali é uma história com fatos, com data, com local, com episódios reais.

Ricardo Lessa: Qual é o autor?

Jair Bolsonaro: Carlos Alberto Brilhante Ustra (Roda Viva, 2018, minuto 1:19:59 até 1:20:20).

RESUMO

A monografia apresentada tem como tema o negacionismo histórico nos discursos de Jair Bolsonaro e de seus seguidores proferidos entre o período de 2018-2022. O objetivo geral do trabalho é a partir análise desses discursos identificar as características negacionistas históricas presentes para entender de que forma o negacionismo encontra espaço e importância no discurso da extrema-direita. Para alcançar esse objetivo, selecionamos como fonte os discursos de Jair Bolsonaro encontrados em sites e no *Youtube* e de seus seguidores na rede social *Facebook*. A metodologia do trabalho é baseada nos entendimentos de Foucault (1996) e Orlandi(2005) sobre a contextualização discursiva. Como aporte teórico utilizamos: Almada (2021), Bauer (2020; 2024), Santos e Cortes (2023), Valim, Avelar e Bevernage (2021), Maia (2024) entre outros. Através da pesquisa entende-se que o negacionismo histórico teve uma importante participação no discurso bolsonarista, ajudando a estabelecer uma ponte entre o inimigo derrotado do passado e o inimigo do presente.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro. Discurso. Negacionismo. Extrema-direita. Memória.

ABSTRACT

This monograph focuses on historical denialism in the speeches of Jair Bolsonaro and his followers delivered between 2018 and 2022. The overall objective of this work is to analyze these speeches and identify the historical denialist characteristics present in order to understand how denialism finds space and importance in the discourse of the far-right. To achieve this objective, we selected the speeches of Jair Bolsonaro found on websites and on Youtube and his followers on the social network Facebook as sources. The methodology of this work is based on the understandings of Foucault (1996) and Orlandi (2005) on discursive contextualization. As theoretical frameworks, we use: Almada (2021), Bauer (2020; 2024), Santos and Cortes (2023), Valim, Avelar and Bevernage (2021), and Maia (2024), among others. Through research, it is understood that historical denialism played an important role in Bolsonaro's discourse, helping to establish a bridge between the defeated enemy of the past and the enemy of the present.

Keywords: Jair Bolsonaro. Speech. Denialism. Far Right. Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. JAIR BOLSONARO E A DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA	18
2.1 Jair Bolsonaro e o nazismo.....	36
3. DISCURSO DOS SEGUIDORES SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA	47
3.1 Discurso dos seguidores sobre o nazismo.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1. Introdução

O tema aqui trabalhado nessa pesquisa foi escolhido tendo em vista que eu, como iniciante na pesquisa, quis abordar algo que “corta” e incomoda, e me perturba profundamente (difícil encontrar outros termos para descrever) a facilidade com que políticos oportunistas se aproveitam de contextos conturbados para falar o que eles imaginam que o povo quer ouvir, promovendo discursos violentos e odiosos sobre minorias que eles não tem veem como seres humanos. Acredito que o discurso tem uma força monumental para contribuir com o retrocesso de direitos fundamentais que buscam reparar erros do passado e que precisamos entender cada vez mais o fenômeno da ascensão da extrema-direita para prevenir a sua tomada de poder.

Nos últimos anos, o Brasil vivenciou uma ruptura com o aparecimento dos escândalos de corrupção¹ que parecem ter ampliado a indignação da população, voltando cada vez mais sua atenção para os problemas da política. As fortes desaprovações e decepções com o Partido dos Trabalhadores e com a esquerda brasileira foram acompanhadas pela consolidação de pensamentos que já pairavam os setores mais conservadores da sociedade. Nesse contexto, valendo-se de um população instável e fragilizada durante investigações de corrupção, prisão do na época ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e do impeachment de Dilma Rousseff, cada vez mais, líderes pretenciosos propuseram as mais simples soluções para os problemas mais complexos e enraizados do país, buscando na insatisfação das pessoas e no sentimento antissistema o pedal para alcançar o poder político almejado. Essa foi uma das grandes características de Jair Bolsonaro durante a sua campanha para a eleição da presidência em 2018. O historiador João Cezar de Castro Rocha (2023) defende em sua obra “Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico” que o ódio pelo na época ex-presidente Lula foi uma “condição necessária” e alimentada para resultar na vitória de Bolsonaro.

Nesses contextos de grande decepção com a política e o impacto negativo dos escândalos de corrupção, a personalidade quase mítica se posta como resposta ao enfrentamento da crise, guerra ou perigo externo (Giraret, 1986). Assim, Bolsonaro se caracteriza e é aceito como o mito do Herói Salvador do país. A partir de então, tudo vale para que ele chegue ao poder e os seus seguidores iniciam uma forte identificação de si mesmos como seus fieis apoiadores.

Jair Bolsonaro identificou nos eleitores que ele almeja voto quais são as características que os diferem dos cidadãos que não votam nele. É interessante frisar como essa “carreira” política vêm desde os anos 80, logo são muito anos acompanhando de perto o perfil necessário

¹ Mensalão (2005) e Petrolão, que resultou na operação Lava Jato (2014 à 2021).

a ser montado para chegar na presidência. Esse perfil que se baseia nas pautas que foram caindo no ostracismo durante os governos de Luís Inácio Lula e Dilma Rousseff. O surgimento de políticos outsiders² (Picussa e Codato, 2022) como Jair Bolsonaro vai ser um fenômeno baseado no medo e desconfiança com o outro, na não semelhança e identificação com o outro, que será rotulado “inimigo da nação”. Esses outros, de acordo com Vinícius Albernaz (2019) em sua pesquisa sobre os discursos de Bolsonaro, são os esquerdistas, ativistas dos Direitos Humanos, mulheres, homossexuais, intelectuais e indígenas. Eles são alguns dos opositores dos “cidadãos de bem” patriotas, cristãos conservadores que defendem a família. Assim, “produz-se diferença ao passo que se consegue estabelecer um sistema classificatório que distingue o que é “nós” e o que é “eles” (Paludo e Fraga, 2020, p. 5). Jair Bolsonaro não foi o único líder de extrema-direita a chegar ao poder nos últimos anos, tendo em vista que esse é movimento tem ganhado expansão ascendente e chegado na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina a partir de novos dispositivos (Narcizo, 2021). A sua ascensão projetada na defesa de pautas conservadoras contrárias ao aborto, Direitos Humanos, indígenas, feminismo e movimentos sociais irão ganhar nas mídias televisivas e sociais um amplo espaço que já há algum tempo não era visto. Os discursos de Jair Bolsonaro ajudaram a ampliar o espaço em que essas pautas de extrema-direita foram trabalhadas, como por exemplo, o grande reconhecimento da plataforma Brasil Paralelo³.

Compreender o contexto de ascensão da figura de Jair Bolsonaro e a divisão que ele faz à sociedade brasileira é apenas um dos passos para as reflexões desse trabalho. O objetivo principal é entender a partir do contexto estudado o negacionismo histórico nos discursos de Jair Bolsonaro e perceber as diferentes narrativas que ele imputa sobre acontecimentos históricos. Pretendemos também refletir sobre as intenções por trás das escolhas discursivas, perceber de que maneira a memória e a disputa com um inimigo em comum são mobilizados nessas narrativas negacionistas e compreender como alguns dos seus seguidores recebem e reproduzem esses discursos. O seguinte trabalho tem como recorte temporal os anos de 2018 à 2022 pela compreensão de que os discursos proferidos no ano da eleição de 2018 foram muito importantes para encabeçar a sua campanha e ressoaram durante todo o seu mandato político presidencial até 2022. Para alcançar os objetivos desse trabalho, mobilizamos discursos de Jair

² De acordo com Picussa e Codato (2022), os políticos outsiders como Jair Bolsonaro, Donald Trump e Volodymyr Zelensky são pessoas que atingem altos cargos políticos (nesses casos a presidência do país) com pouca experiência política antes de se elegerem. No caso de Jair Bolsonaro, apesar de já ter um longo histórico na política como vereador e deputado, ele se caracteriza dentro desse grupo pela crítica à classe dos políticos e pela crítica ao sistema, característica dos outsiders.

³ Empresa gaúcha fundada em 2016, que produz vídeos, filmes e documentários alinhados à extrema-direita conservadora brasileira.

Bolsonaro e de seus seguidores proferidos nesse período, sendo os de Bolsonaro selecionados em canais no Youtube como o canal do programa Roda Viva, canal do UOL, canal da CNN Brasil, canal Band Jornalismo e no site da Biblioteca da Presidência da República, que mantém registro de alguns dos discursos mais importantes de Jair Bolsonaro.

O negacionismo histórico é entendido “um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis” (Valim, Avelar, Bevernage, 2021, p. 15). Para Rosiene Aguiar Santos e Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (2023), esses discursos de Bolsonaro instigam o pensamento de que o senso comum é mais “correto” do que fatos científicos comprovados acerca da história. Alguns pesquisadores utilizam “revisionismo” no lugar de negacionismo, e esse não é um debate para esse trabalho mas será entendido o uso de negacionismo levando em consideração a ideia de “precisão teórica” da historiadora Caroline Bauer (2024). Com esse entendimento, partiremos para reflexões sobre esses negacionismos e a forma que ele constrói certos aspectos históricos em suas declarações. De acordo com Pablo Almada,

Os grupos da extrema-direita, que tem se mobilizado pela criação de uma Alt-History, na verdade, buscam inserir suas visões ideológicas outrora recusadas nesse debate, argumentando por sua legitimidade e pelo não reconhecimento das versões oficiais dos fatos, tão verdadeiras quanto àquelas produzidas pelos historiadores e pesquisadores, muitas vezes, enfatizando em demasia apenas alguns fatos em detrimento de outros ou de uma compreensão mais geral do problema. Desse modo, planeja-se uma inversão de vítimas e algozes, dado que “histórias alternativas são usadas para exaltar os culpados, culpando um grupo marginalizado”(Valencia-García, 2020, p. 14). A história alternativa não apenas se distancia dos processos científicos e metodológicos da historiografia, mas passa a nutrir o campo dos conflitos pela memória, aproveitando-se dos silenciamentos e esquecimentos (Almada, 2021, p. 3-4).

É possível identificar nesse trecho características que o autor imputa à Bolsonaro, considerando que ele realmente aproveitou de suas narrativas negacionistas para inverter as vítimas de determinados processos históricos e vender as suas bases ideológicas como corretas, enquanto o conhecimento científico deveria ficar obsoleto para trás. Dessa maneira, o seguinte trabalho justifica-se pela relevância de compreender o papel da história dentro da chegada de Jair Bolsonaro enquanto candidato da extrema-direita no cargo político mais importante do Brasil. Também é uma parte importante entender como as disputas de narrativas históricas se inserem na nossa vida contemporânea e protagonizam grandes embates e tensões sociais.

Esses discursos, se colocados dentro dessa perspectiva, podem ser compreendidos de forma que fiquem claras as intencionalidades por trás da escolha dos temas frisados, da tentativa

de fuga de perguntas, de projetos políticos para o futuro declarados e da defesa dos valores dos cidadãos brasileiros mais conservadores. Essa análise somente é possível dentro do entendimento do cenário em que esses discursos são proferidos, facilitando assim a compreensão das condições de possibilidade da proliferação desses discursos (Foucault, 1996).

Para além dos discursos de Jair Bolsonaro, se faz necessário compreender de que forma esses temas ressoaram em alguns extratos da sociedade. Por isso serão igualmente abordados aqui os discursos de alguns dos seus seguidores, buscados na rede social Facebook dentro do mesmo recorte temporal.

Para trabalhar com os discursos de Jair Bolsonaro, mobilizo as reflexões de Michel Foucault e o seu conceito de discurso, utilizando os seus métodos de análise. Para Foucault, é necessário entender a genealogia do discurso, ou seja, de que forma ele surge, como ele varia (auge e declínio) e como cresce (Foucault, 1996, p. 27). O princípio da regularidade também é importante, entender de que forma discursos podem explodir ou ficar em segundo plano durante um período dependendo das condições do contexto e a condição de possibilidade, o que permitiu a perpetuação de determinado discurso durante o período analisado. A análise do discurso em Foucault irá potencialmente ajudar na construção da argumentação sobre as falas de Jair Bolsonaro, suas características novas e aspectos já utilizados antes, entender os discursos de formas separadas e também analisá-los em uma série e os meios de produção (grupo destinatário e relação com o poder).

Veremos que os discursos proferidos aqui se encaixam na ideia de Foucault de que “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (Foucault, 1996, p. 14). Essas falas não trazem uma novidade dentro dos aspectos do negacionismo histórico do Brasil, não são ideias que surgem com essa figura de Jair Bolsonaro e nem com os seus seguidores, entretanto, elas ganham notoriedade a partir do contexto inserido de disputa dessas narrativas. Percebendo que esses discursos irão se reverberar dentro de determinado contexto e espaço social e político.

Eni Orlandi em sua obra “Análise de Discurso” traz uma ideia muito relevante de que dentro das condições para produção de discurso o contexto social, ideológico e históricos são indispensáveis para a fundamentação da análise de discurso (Orlandi, 2005, p. 30). Portanto, compreender os diferentes cenários específicos e o contexto geral da produção dos discursos de Jair Bolsonaro e de alguns de seus seguidores se torna peça-chave desse trabalho.

O negacionismo foi, a princípio, um movimento que negava o Holocausto e o extermínio sistemático de judeus em campos de concentração durante o regime nazista (Lvovich, 2023; Neto, 2009). Para Patrícia Valim, Alexandre Avelar e Berber Bevernage (2021), a mentira

sistemática relacionada aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial resultou em um padrão que foi seguido depois por governos de extrema-direita e negacionistas que aprenderam com os antissemitas a deslegitimar vítimas de governos autoritários e reproduzir a contestação de seus relatos e memórias. Paul Rassinier era um professor de história e geografia na França que foi mandado para o campo de Buchenwald durante o regime nazista e, mesmo tendo resistido ao regime, ao fim da guerra escreveu um livro chamado “A mentira de Ulisses” que nega o Holocausto (Narcizo, 2019). Ele é considerado o pai do negacionismo. Após sua morte, seu livro vai ser bem recebido e analisado como uma obra científica, muito usada para embasar as ideias negacionistas, assim supostamente baseadas em dados científicos (Narcizo, 2019).

O negacionismo do Holocausto passou um bom tempo sendo aderido apenas por pequenos grupos, e somente chega ao grande público com a adesão do renomado professor Robert Faurisson, chegando nos canais de comunicação e ganhando adesão de novos entusiastas dessas ideias (Narcizo, 2019). As teses negacionistas sobre a impossibilidade de um genocídio de 6 milhões de judeus mortos e do uso das câmaras de gás para outros objetivos senão assassinato ganharam amplitude e, os seus maiores defensores passam a se intitular como preocupados com a verdade (Valim, Avelar, Bevernage, 2021). Esse avanço do negacionismo se pauta principalmente no terreno fértil e propenso da França no pós-Segunda Guerra depois do julgamento de Jean Leguay⁴, onde os franceses refletiam sobre os acontecimentos, suas responsabilidades mas também crescia o antissemitismo (Narcizo, 2019).

No Brasil, o negacionismo começa a ficar relativamente conhecido no final da década de 70, após uma discussão promovida pela Folha de S. Paulo e O Globo sobre o livro *Hitler's War* de David Irving, em que ele lança dúvidas sobre o extermínio dos judeus na Segunda Guerra (Neto, 2009). Esse acontecimento resultou na publicação da obra *Anti-ssemitismo, Integralismo e Neo-Nazismo* de Werner Nehab, essa sendo a primeira aparição do negacionismo no Brasil, apesar de que esse movimento seria mais discutido no final da década de 1980 (Neto, 2009).

A experiência do negacionismo se expandiu globalmente e chegou nas experiências da América Latina na metade do século XX com os golpes militares, que no Brasil resultou em 21 anos de governo militar repressivo. Os negacionistas do golpe de 1964 e dos relatos de tortura, assassinato e desaparecimento tentam contornar esses crimes com a premissa de uma suposta guerra travada onde se justifica tudo, assim, a coordenação de sequestros, torturas e assassinatos

⁴ Foi o segundo em comando da Polícia Nacional Francesa durante a ocupação nazista na França. Contribuiu para a prisão em massa de judeus e foi julgado por crimes contra a humanidade.

não é posta como algo premeditado e sim, consequências de um movimento que visava apenas salvar o país e que por isso não tem culpados (Lvovich, 2023).

No Brasil, uma onda de negacionismo relacionado à ditadura civil-militar se desenvolveu após a Comissão Nacional da Verdade (2012-2014) como geralmente acontece em países que tentam estabelecer investigações ou desculpas por acontecimentos violentos do passado promovidos pelo Estado (Valim, Avelar e Bevernage, 2021). Segundo esses mesmos autores, a negação do passado da ditadura civil-militar está diretamente ligada ao avanço de Jair Bolsonaro na política enquanto líder da extrema-direita, sugerindo que ele não foi eleito apesar de ser negacionista, mas sim por ser (2021). Essa argumentação ajuda a fortalecer a importância de pesquisas que envolvam o uso do negacionismo histórico pela extrema-direita enquanto um grande aliado para alcançar seus objetivos políticos de chegar ao poder, promover governos violentos e, como defende Tatyana Maia (2023), reestruturar as bases da Constituição de 1988.

O negacionismo é, assim, um meio de apagar o que coloca os planos de poder da extrema-direita em risco, garantindo que a democracia seja desacreditada (ou odiada) e reivindicando as mesmas violências e abusos do passado para o presente em nome da segurança (Avila, 2021). Esse argumento demonstra como o negacionismo é muito mais do que um debate academicizado a partir do momento que ele se torna explícito para a opinião pública e é manuseado por determinados setores da sociedade para justificar pautas que minam direitos e retrocedem nos avanços democráticos. É por esses meios que o bolsonarismo utiliza o negacionismo para defesa de um país livre da oposição, das minorias, dos não patriotas e dos demais que não vão de encontro com a comunidade pró-bolsonaro, pois, como visto no capítulo anterior, a mobilização de fatos históricos que são negados ou distorcidos chama atenção e é capaz de impulsionar um grande apoio, principalmente por instigar a memória.

Com relação ao negacionismo da ditadura civil-militar, a historiadora Caroline Bauer (2024) argumenta que esse fenômeno iniciou ainda durante o regime, quando os militares arquitetavam operações fora dos meios oficiais, destruíam documentações e mascaravam assassinatos e desaparecimentos com suicídio e fugas. Também segundo Pablo Almada (2021), a própria censura e forte repressão serviam para mascarar a ditadura. Considerando que existiu um esforço considerável para a não produção de provas das violações de direitos e crimes, é possível entender como o negacionismo contemporâneo da ditadura é uma continuação e adaptação das versões já contadas durante o regime (Bauer, 2024). Além de adaptar as mentiras já contadas, prossegue também em um outro elemento: o medo e a violência, que deixam de ser físicos para se tornarem simbólicos, em que não se pode matar então silencia-se (Bauer, 2024).

Considerando a defesa de Odilon Neto de que o negacionismo “age como uma mentira organizada destinado a destruir tudo o que nega e aos que se opõe aos seus argumentos” (2009, p. 1119) é possível entender como esse fenômeno não é fruto de desconhecimento (Bauer, 2024) e sim ordenado e orquestrado com objetivos claros para o grupo que vai beneficiar.

A historiadora Tatyana Maia (2023) defende que o negacionismo sobre a ditadura se encontra na disputa de memória pelas experiências vivenciadas no período. Isso demonstra como o negacionismo é utilizado enquanto artifice para sustentar narrativas que tentam reivindicar uma verdade absoluta sobre os acontecimentos desse passado. Narrativas essas que, não somente negam o movimento do golpe mas tentam equiparar os atos violentos promovidos pelo regime como as ações de resistência contra a ditadura (Bauer, 2020). A tentativa é justificar as torturas, desaparecimentos e assassinatos com uma história de que esses movimentos eram proporcionais aos atos contra o regime e realizados para proteger a população desse inimigo.

Michael Pollack (1989) contribui para essa discussão ao argumentar que as memórias subterrâneas das minorias e dos marginalizados, ao serem destacadas e relembradas, são capazes de se opor à memória oficial. Isso nos ajuda a pensar em como a batalha de memória existe também devido à uma reivindicação de sobreviventes e familiares de vítimas de passados autoritários e violentos a movimentos de justiça promovidos pelos Estado. Um exemplo disso, é a nomeação de ruas e avenidas das cidades mais importantes do país em homenagem à ditadores e militares do período do regime e do seu “reconhecimento” em estátuas e monumentos. Se torna, assim, compreensível a revolta dos opositores da ditadura civil-militar ao ver os arquitetos do golpe e os coronéis mais violentos e assassinos sendo referenciados no Parlamento e pelo ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro.

A tentativa de justificar os terrores da ditadura civil-militar brasileira a partir de uma equiparação entre os crimes cometidos pelos militares e pelos opositores do regime é uma das principais características dos negacionistas da ditadura (Almada, 2021). Um outro ponto importante sobre esse negacionismo explorado pela extrema direita é a tentativa de vitimização dos militares (Almada, 2021) enquanto agentes de um regime que supostamente somente existiu por culpa dos comunistas que queriam tomar o poder do Brasil. Situar os torturadores e assassinos como vítimas da contemporaneidade que acusam de revanchismo a tentativa de recuperar as memórias dos sobreviventes que cobram justiça pelos ocorridos é uma das grandes estratégias do jogo de memórias da ditadura: se as vítimas do regime usam a sua voz, os militares e seus apoiadores se sentem na obrigação de fazer o mesmo e garantir que “a história seja contada direito”.

A empresa Brasil Paralelo foi de grande importância nesse contexto de “contar o lado da história dos militares” e de uma disputa pela memória da ditadura, pois, foi um veículo com considerável participação na ascensão e assistência da lógica bolsonarista, contribuindo para a consolidação da ideologia conservadora bolsonarista da extrema-direita e crescendo mais ainda após as eleições de 2018 (Nicolazzi, 2021). A posição da empresa sobre a ditadura civil-militar é levemente diferente da defendida por Bolsonaro, pois eles defendem que o Brasil era na realidade uma ditadura comunista e que a democracia foi instaurada apenas com a intervenção militar (Avila, 2021). É dessa maneira que eles colocam todos os opositores ao regime como mentirosos e consentem os ataques de Bolsonaro à democracia e seus elogios à ditadura (Avila, 2021).

Uma das grandes defesas do Brasil Paralelo relacionada ao negacionismo é a de que os professores de história e as instituições de ensino são doutrinadores, colocando em prova em suas produções audiovisuais os meios pelos quais o conhecimento histórico é proferido e produzido (Nicolazzi, 2021). De forma linear, o Brasil Paralelo foi produzindo filmes e documentários que contassem uma história do Brasil retorcida, valorizando versões contadas por profissionais controversos, como Olavo de Carvalho. Essa metodologia de trabalho exemplifica o falso compromisso com a verdade, que busca apenas falsear o sentido de documentos históricos para reforçar o ressentimento e utiliza-lo como estratégia para ganhar engajamento (e principalmente dinheiro) nas agendas defendidas pela empresa (Nicolazzi, 2021).

O Brasil Paralelo é uma das iniciativas que exemplificam o poder do apelo ao falseamento história na internet, que se tornou um grande espaço para a disseminação da desinformação, não somente relacionada à história, mas sobre qualquer outro assunto. A facilidade e rapidez com que as notícias correm nos sites e nas redes permitiu o crescimento progressista de pautas que há muito estavam letárgicas. Essas pautas vieram acompanhadas do avanço da extrema-direita e de movimentos políticos impactantes no Brasil, como o impeachment de 2016 de Dilma Rousseff e a eleição de 2018, que instigaram ainda mais certos conhecimentos sobre a ditadura civil-militar (Gallindo e Pureza, 2024).

Dessa maneira, é possível entender como a agenda negacionista crescente no Brasil foi amparada por empreendimentos dispostos a bancar produções com versões distorcidas e falsas da história, se apoiando no contexto social vulnerável pós-Comissão Nacional da Verdade, em que as discussões sobre a ditadura (e principalmente, o negacionismo desses acontecimentos) tomaram de conta da opinião pública. Os reflexos desses movimentos negacionistas são vistos, para além de plataformas como Youtube e sites, nas redes sociais.

O manuseio do mundo digital pelos historiadores e a escrita dessa nova modalidade de pesquisa inicia nos Estados Unidos e na Itália com as primeiras discussões na década de 1990, debates sobre a historiografia digital que depois irão se expandir para outros países, inclusive Brasil (Lucchesi, 2014). Em 1994 tivemos a primeira publicação nesse sentido de Luciano Figueiredo com a obra “História e Informática: o uso do computador” e, mesmo 31 anos depois é possível perceber como as suas indagações sobre o papel do historiador e as suas dificuldades com a história digital ainda são muito presentes (Lucchesi, 2014). É importante refletir como o mundo digital pautado pelos historiadores demonstra seguidas tentativas de compreender melhor o uso desse espaço, os impactos no saber e na produção historiográfica e também nas pesquisas contemporâneas. Por isso que a produção historiográfica e discussões acerca da história digital necessitam de cada vez mais abertura e apropriação desses espaços, tendo em vista a forte influência que as redes sociais, sites e webs tem tido em eleições, distorção de conhecimento, entre outros diversos desafios revelados pelo mundo digital (Nicodemo, Rota e Marino, 2022; Lucchesi, 2014).

Para os historiadores Dora Gallindo e Fernando Pureza (2024), a afinidade de diversos setores da sociedade com o conservadorismo e autoritarismo ajudou a culminar em um bom acolhimento das ideias negacionistas nas redes sociais. Isso demonstra como, as redes, foram utilizadas enquanto propagadoras e ampliadoras de acontecimentos históricos do passado, sendo que alguns destes, no entanto, foram divulgados baseados em achismo. Ainda segundo os dois autores, o bolsonarismo atua nas redes como um “ecossistema articulado” (Gallindo e Pureza, 2024, p. 41) provocando confusão e induzindo ao erro relacionado à história, articulando com o negacionismo. É improvável pensar, portanto, que a ascensão do bolsonarismo no Brasil não esteja fortemente ligada aos seus métodos de movimentação das massas nas redes sociais, sendo a ditadura um dos temas sensíveis de grande abalo capaz de atrair a atenção e opinião de muitos dos seus seguidores.

As redes sociais contribuíram, desse modo, em uma grande agilidade, para a sistematização dessas pautas negacionistas sobre a ditadura (Gallindo e Pureza, 2024). Utilizando as pautas conservadoras e transferindo os crimes cometidos durante a ditadura para o outro segmento da sociedade, Jair Bolsonaro acabou por convocar uma legião de seguidores a propagarem as suas dúvidas sobre a legitimidade de assassinatos, torturas e desaparecimentos. O espaço virtual e a possibilidade de reunião em comunidades online de grupos que tem afinidades em comum facilitou o encontro de muitos apoiadores de Jair Bolsonaro, que assim puderam de forma sistemática defender as pautas bolsonaristas e compartilhar as suas opiniões próprias sobre acontecimentos históricos sustentados na defesa da sua liberdade de expressão.

Jair Bolsonaro se fortaleceu utilizando tudo que poderia ser colocado a seu favor. Um dos artificios importantes que colaboraram para o seu crescimento na opinião pública enquanto uma opção viável de voto foi o uso do politicamente incorreto. Esse fenômeno, curiosamente, teve destaque em países que se voltavam para a extrema-direita, como Brasil e Estados Unidos, além de ser requisitado por pessoas com evidente ódio às minorias (Carlo e Kamradt, 2018). Para os autores, Jair Bolsonaro fala com uma convicção de verdade absoluta sobre os fatos históricos do passado e tem como objetivo ao fazer isso “demonstrar a necessidade delas em um contexto social em que a agenda das minorias passa a ameaçar a posição ocupada pela classe média na sociedade” (2018, p. 63). Dessa maneira, Bolsonaro agrada uma determinada massa com os seus discursos politicamente incorretos ao defender os interesses de uma massa que não conseguiu aturar as conquistas de direitos e políticas públicas para as minorias e a reivindicação das memórias das vítimas da ditadura depois da Comissão Nacional da Verdade. É interessante pensar como os debates promovidos sobre a ditadura dentro desse fundamento

O politicamente incorreto ainda está associado ao antipetismo (Carlo e Kamradt, 2018), já que seguindo uma suposta lógica estabelecida, as minorias que ganharam relativa voz nos governos de esquerda são as vozes autorizadas e corretas, enquanto os que discordavam ficavam na espreita aguardando o momento em que poderiam compartilhar suas opiniões contrárias ao que era dito. Nesse contexto, a ascensão de Jair Bolsonaro cai como uma luva para essa massa, pois ele vai representar o político corajoso que critica a política e a corrupção no Brasil, além de ser quem finalmente vai falar o que era desautorizado e oculto por causa do politicamente correto (Sargentini e Chiari, 2019). No trabalho de Vanice Sargentini e Geovana Chiari (2019), as autoras defendem que as redes sociais foram uma alternativa escolhida para a perpetuação dos discursos agressivos e violentos do politicamente incorreto, assim, se apoderando desse espaço e transformando o que antes era evitado de ser dito em novas “verdades absolutas” que estavam enterradas e vieram à luz do dia com a liderança de Jair Bolsonaro.

O historiador Odilon Caldeira Neto (2025) defende que a disputa pelo passado que a extrema-direita encabeça é munida de instrumentos para ocupação de espaços aonde o negacionismo possa ser proferido, por isso ele argumenta que precisamos de variados métodos para combater a construção do passado relativista da visão da extrema-direita. Isso demonstra uma preocupação ativa da comunidade acadêmica com os efeitos dos usos do passado e a importância de refletir sobre estratégias de entendimento, crítica e combate desses movimentos.

Esse trabalho será desenvolvido em dois capítulos e para limitar melhor o recorte do trabalho, foram selecionados discursos negacionistas que se referiam apenas à ditadura civil-militar brasileira e ao nazismo. Ao longo do trabalho, foram abordados aqui os temas de

negacionismo no Brasil (Odilon Caldeira Neto, 2009; Caroline Bauer, 2024; Arthur Lima Avila, 2021) e nas redes sociais (Tatyana Maia, 2023), o avanço da extrema-direita a partir dessa pauta, o papel do Brasil Paralelo (Nicolazzi, 2021) e o uso do politicamente correto (Carlo e Kamradt, 2018). Também será discutido sobre o uso dos embates de memória (Michael Pollack, 1989; Odilon Caldeira Neto, 2009; Caroline Bauer, 2020) na mobilização de temas sensíveis e a apologia ao nazifascismo no governo de Jair Bolsonaro (Narcizo, 2021). O desenvolvimento da ideia desses autores ocorreu ao longo do trabalho, assim como a mobilização de outros teóricos que serviram de apoio para as ideias aqui lançadas

O primeiro capítulo é referente aos discursos de Jair Bolsonaro selecionados dentro do recorte da pesquisa, abordando 7 falas sobre a ditadura civil-militar brasileira e 2 falas sobre o nazismo, sendo uma delas retirada do seu perfil oficial da rede social Facebook. O segundo capítulo é referente aos discursos de alguns dos seguidores. Para esse trabalho, era preciso selecionar uma rede social que possibilitasse a pesquisa dos posts e comentários. As duas consideradas a princípio foram o Twitter (X) e o Facebook, já que os posts aqui não se restringem apenas a compartilhamento de fotos como no Instagram. O Twitter e o Facebook não permitem a rolagem dos perfis para além de 2021/2022, então foi preciso escolher a rede social que mais facilitasse a busca personalizada dos posts na aba de busca, que nesse caso foi o Facebook. Para além de que no Facebook, é muito mais fácil encontrar perfis que supostamente correspondam a pessoas reais, com nome e foto, enquanto no Twitter a quantidade de perfis falsos e sem dados atrapalharia a análise dos comentários.

Para esse trabalho, foram selecionados ao todo 12 comentários no Facebook. Os comentários acerca da ditadura civil-militar foram coletados nos dias 04 e 06 de março de 2025 e sobre o nazismo nos dias 28 de fevereiro e 06 de março de 2025. As datas de publicação variam de acordo com a temática, pois esses assuntos estiveram em alta em momentos diferentes. Os comentários de alguns seguidores relacionados à ditadura civil-militar são de 13 de setembro e 15 de dezembro de 2018. Enquanto os comentários dos seguidores sobre o nazismo são de 02 de abril de 2019, 7 e 4 meses após a agitação nas redes sobre as falas de Bolsonaro sobre a ditadura.

Com relação à busca, utilizando o *search* (ou lupa) do Facebook para pesquisa, efetuou-se a partir de palavras-chave relacionadas ao tema da pesquisa, com intuito de encontrar material que pudesse ser utilizado no trabalho. Alguns exemplos são: “Jair Bolsonaro ditadura militar”; “Jair Bolsonaro revolução de 1964”; “Bolsonaro Vladimir Herzog”; “Jair Bolsonaro escravidão”; “bolsonaristas ditadura civil-militar”; “bolsonaristas nazismo esquerda”; “Jair Bolsonaro nazismo esquerda”. Propositamente, utilizaram-se essas palavras para encontrar

com maior facilidade *posts* e comentários dos apoiadores de Bolsonaro sobre os temas trabalhados nessa pesquisa.

Durante a busca de comentários nas postagens aqui trabalhadas, foram excluídos comentários mais simplistas que concordavam ou discordavam com o post, os que não estavam relacionados com a notícia, os que se limitavam a reação por *emojis* ou a *hashtags*. Também foram excluídos alguns comentários mais relativamente violentos e que se repetiam, comentários sem nexos que culpava o Partido dos Trabalhadores e também comentários que não eram de apoiadores de Jair Bolsonaro, pois o interessante não é entender os argumentos de quem não o segue, mas sim compreender a fala dos seus apoiadores e perceber as similaridades e diferenças. Para isso, foram pré-selecionados 103 possíveis comentários e desses selecionados 10 comentários para análise. Da totalidade dos 103 comentários, 65 eram referentes à ditadura civil-militar e 38 sobre nazismo. Dentro essa seleção, muitos outros comentários tinham potencial de aparecer na pesquisa, mas se fez necessário uma seleção dos que consideramos mais simbólicos tendo em vista o limite que a pesquisa de conclusão de curso apresenta.

2. JAIR BOLSONARO E A DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA

Um dos temas trabalhados aqui será a ditadura civil-militar⁵ brasileira abordada pelos discursos públicos de Jair Bolsonaro. Algumas das suas falas mais polêmicas estão na sua entrevista ao Programa Roda Viva, disponível no Youtube, realizada em 30 de julho de 2018. É de suma importância fazer uma análise desse momento em específico e das suas nuances, afinal o que foi dito de tão bom (ou ruim) que ajudou a levar o candidato à vitória no segundo turno?

O programa Roda Viva, que já está no ar há mais de 35 anos pela TV Cultura, ligada à fundação Padre Anchieta de São Paulo, é um programa de debates que traz convidados para serem entrevistados sobre temas diversos como política, arte, literatura e economia. Alguns dos nomes já entrevistados são Daniela Mercury, Leandro Carnal, Fidel Castro, Niede Guidon etc.

Os temas são diversos e podem ser considerados importantes no cenário brasileiro ou até mesmo mundial. A entrevista com Jair Bolsonaro não foi diferente: na época o candidato do PSL (Partido Social Liberal) contava com grande apoio popular e grandes chances de vencer a eleição. O objetivo da entrevista era compreender os planos de Jair em determinados setores caso ganhasse a presidência.

O candidato já era conhecido por suas falas polêmicas contra os Direitos Humanos, acerca da ditadura civil-militar e sobre a população carcerária. Esses temas aparecem durante a entrevista.

Em 27 anos de carreira como Deputado do Rio de Janeiro, Bolsonaro aprovou apenas dois projetos e não apresentou durante toda a entrevista nada concreto para um mandato de presidência, mas o que ele queria mostrar foi feito com sucesso, não focar nos seus projetos para o futuro do país, mas nas suas falas radicais apelando para a moral da ala conservadora brasileira.

O programa foi dividido em blocos, comentários dos telespectadores que acompanham ao vivo são exibidos, assim como perguntas pré-gravadas de ouvintes do programa. Esse episódio de Jair Bolsonaro teve 1h e 21 minutos de duração e teve como componentes da mesa Ricardo Lessa como mediador e Daniela Lima (Folha de São Paulo), Thaís Oyama (Veja), Maria Cristina Fernandes (Valor Econômico), Bernardo Melo Franco (Globo), Leonêncio Nossa (Estado de São Paulo) como entrevistadores.

Após a primeira pergunta de Maria Cristina acerca da tortura e sua exaltação à figura de Carlos Brilhante Ustra, nos deparamos com essa resposta.

⁵ Nesse trabalho, o termo referido usado para ditadura no Brasil será “ditadura civil-militar”, compreendendo que as ideias dos pesquisadores Samantha Quadrat e Francisco Carlos Teixeira da Silva se alinham aos objetivos desse trabalho ao incluir os civis no golpe e regime aqui analisados (Quadrat, 2024).

E esse pessoal que se diz torturado, alguns eu acho até que foram, aconteceu alguma maldade com eles, mas em grande parte não. É uma política, é uma forma de que eles usavam de dizer que eram torturados exatamente para conseguir indenizações, conseguir piedade por parte da população, conseguir votos e poder. Isso não é, essa história não está bem contada na questão da tortura porque só se lembra de um lado da história, o outro lado não. Se nós tivéssemos perdido a guerra naquele momento hoje com toda certeza seríamos uma Cuba aqui nesses 8 milhões e meio de quilômetros quadrados (Bolsonaro, 2018, minuto 05:15 até 05:48).

Esse momento, logo no início da entrevista, nos mostra como Jair Bolsonaro não tem compromisso com a memória dos torturados da ditadura civil-militar brasileira. Na sua fala, é possível perceber a ênfase que ele faz em “que se diz torturado”, como se para frisar a mentira dos sobreviventes. Durante esse trecho, assim como grande parte da entrevista, ele se encontra com uma perna em cima da outra, evidenciando uma tentativa de afastamento por estar pouco a vontade. Ele gesticula bastante com as mãos e mantém uma expressão facial neutra, em tom sério, como se estivesse em território inimigo. A sua vestimenta é um terno preto com camisa de botão branca e gravata azul claro com listras, em estilo formal e até um pouco sisudo. É interessante pensar como a escolha da cor da gravata também ajuda a potencializar o discurso de Bolsonaro, já que azul é a cor do conservadorismo, considerada contrária do vermelho, muito associado aos comunistas e socialistas.

Afirmar que grande parte dos torturados mentiram sobre as atrocidades que vivenciaram em troca de poder e privilégio é como jogar sal em uma ferida não cicatrizada. Levanta até mesmo um certo questionamento: que tipo de poder alguém poderia almejar e conseguir fingindo uma sessão de tortura? Será que aqui Bolsonaro não está tentando passar a ideia de que essas “falsas vítimas” do regime se beneficiaram futuramente dessa narrativa, como por exemplo Dilma Rousseff, que passou por uma sessão de tortura e anos depois se tornou presidenta do Brasil? Essa narrativa é politicamente muito perigosa, insinuar que os sobreviventes mentiram e se apossaram de cargos e dinheiro por conta disso. Mesmo sendo contextos totalmente diferentes, lembra um pouco do argumento negacionista do Holocausto, de que tudo não passou de uma invenção para vitimizar os judeus, ajudá-los a conquistar o mundo e culpabilizá-los pelos problemas que a Alemanha enfrentava (Castro, 2013). Tal qual os judeus, os “esquerdistas” estariam supostamente inseridos em uma rede de poder oculta da população e os crimes da ditadura civil-militar não seriam nada além de exageros de pequenas “maldades” utilizados para conseguir apoio popular e elevá-los de cargo. Um dos exemplos dessa rede oculta que Jair Bolsonaro afirma a existência é o Foro de São Paulo, que visa reunir partidos de esquerda e promover integração e discussão de pautas diversas. Entretanto,

Bolsonaro argumenta que o Foro é uma tentativa comunista de romper com a democracia e estaria associado à diversas catástrofes que acontecem no Brasil, como o aumento da taxa de homicídio e do número de drogas (Schargel, 2024).

Ao se referir que sobre a ditadura somente se recorda de um lado da história, Jair Bolsonaro estaria expressando um desejo de retratação dos militares que participaram do golpe perante a história, isso pois, para ele, são os heróis que devem ser exaltados por terem salvado o Brasil do comunismo (na sua visão). Isso tanto é verdade que Bolsonaro revela no final de sua entrevista ao Roda Viva que seu livro de cabeceira é “A Verdade Sufocada”, de autoria Carlos Brilhante Ustra⁶, demonstrando o tamanho da sua admiração pelo torturador, além de ter feito outras alusões a ele, como no dia da votação do impeachment de Dilma Rousseff. Nessa fala, é possível identificar quase que uma frustração de Jair Bolsonaro pelo reconhecimento das vítimas do regime militar e pela não canonização dos militares como heróis da pátria.

O impeachment de Dilma Rousseff em 2016 foi marcado, entre tantas coisas, pela grande notoriedade que Bolsonaro recebeu após justificar seu voto, marcando os debates sobre a memória da ditadura (Bauer, 2020). A referência ao coronel Brilhante Ustra exemplifica o compromisso de Bolsonaro desde antes das eleições: ele se insere na disputa pela memória da ditadura clamando reconhecimento para o “outro lado”, os militares, e tenta cravá-los enquanto heróis. Essa lógica da “comunidade de memória” (Bauer, 2024, p.7) dos militares que os coloca enquanto salvadores da pátria frente à ameaça comunista não foi inventada por Bolsonaro, mas sim manuseada pelo mesmo para seguir em harmonia com o pensamento que ele teve contato enquanto militar nas forças armadas (Bauer, 2020) e ser coerente ao apelo da massa conservadora que poderia apoiá-lo.

É necessário relembrar que a reivindicação de uma memória da ditadura civil-militar é atravessada por vários objetivos políticos que encontram respaldo no contexto inseridos. Dentre eles, um dos que precisa ser citado é a associação de uma violência dos militantes, guerrilheiros e resistentes da ditadura com a atual esquerda do Brasil para justificar intervenções que almejem o impedimento da atuação da esquerda no país (Almada, 2021). Essa lógica não somente é negacionista como representa um perigo para a atuação democrática na nova república, já que visa o aproveitamento do forte antipetismo no Brasil e do enfraquecimento da esquerda para retirar-la da jogada política e estabelecer uma hegemonia contrária.

⁶ Carlos Brilhante Ustra foi um coronel do Exército durante a ditadura civil-militar. Atuou como comandante do centro de tortura e assassinato DOI-CODI de São Paulo. Morreu em 2013 condenado por tortura durante a ditadura civil-militar brasileira, entretanto, morreu sem pagar por seus crimes.

O argumento do lado da história da ditadura que não é contado tem sido muito disseminado desde então. Esta é, inclusive, uma das grandes propostas da plataforma “Brasil Paralelo”: repercutir em suas produções o “outro lado” de várias histórias. Esses discursos ganham força e dão munição para a população repetir questionamentos negacionistas. O problema é quando esse discurso sai da boca de uma das figuras políticas mais influentes do Brasil, já que convence muitas pessoas a desacreditarem de fatos históricos e acontecimento mais do que comprovados por farta documentação e análise historiográfica.

Um ponto interessante para trazer esse debate cada vez mais próximo, é o impacto que os enterros coletivos em valas dos inúmeros mortos pela covid-19 durante a pandemia teve na população, já que os familiares não podiam se despedir dos seus entes queridos e esse momento lembra dos milhares de desaparecidos e mortos durante a ditadura militar que também não tiveram a presença de seus amigos e parentes no sepultamento (Ribeiro e Bertol, 2021). Muitas características e atitudes de Jair Bolsonaro e de seu governo demonstram que o dever da memória não era uma prioridade ou possibilidade de discussão.

O conceito de dever de memória traduz um sentimento amplo de que sofrimentos e opressões geram obrigações por parte do Estado e da sociedade, em especial, das elites políticas e intelectuais, em relação às vítimas desses sofrimentos e opressões. Lembrar seria uma maneira de ressarcir as pessoas por seus traumas, dores e perdas, uma forma – em última instância de fazer justiça (Ribeiro e Bertol, 2021, p. 22).

Avançando na entrevista, temos a posição de Jair Bolsonaro ao ser questionado sobre o caso Vladimir Herzog. Vlado (seu nome de batismo) foi um jornalista e professor, natural da Croácia, que migrou para o Brasil na década de 40. Durante o regime ditatorial, Herzog dirigiu o jornalismo da TV Cultura, o que culminou em uma convocação para prestar depoimento sobre supostas ligações com o Partido Comunista Brasileiro em 1975. No dia 25 de outubro, Vladimir Herzog chegou ao DOI-CODI de São Paulo para ser interrogado e negou as acusações de ligação com o PCB. Outros dois jornalistas que estavam presentes, George Duque Estrada e Rodolfo Konder, foram os últimos a ver Herzog com vida até serem retirados da sala de interrogatório e escutarem os seus gritos abafados pelo rádio ao ser torturado. Vladimir Herzog foi assassinado naquele dia, mas os militares insistiram na infundada tese em que ele havia se suicidado⁷.

O assassinato do jornalista Vladimir Herzog é conhecido em todo território nacional. Ganhou repercussão pela sua peculiaridade, um suicídio em apenas um metro e vinte de altura

⁷ INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. O Caso Herzog. [2017]. Disponível em <https://vladimirherzog.org/casoherzog/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

e pelas imagens divulgadas que mostravam seus pés arrastando no chão. Nos dias de hoje é reconhecido que Herzog não se matou como foi atestado e sim que ele foi assassinado sob tortura. A corte Interamericana dos Direitos Humanos considera o homicídio de Vladimir Herzog uma grave violação dos Direitos Humanos e, também culpabiliza o Estado brasileiro pela negligência com a investigação do caso⁸.

Agora isso daí eu acho que são feridas que não devem mais ser lembradas até, você pode discutir, mas não com esse teor todo porque é o passado. Tivemos a lei da anistia, os militares inclusive exigindo que ela fosse ampla, geral e irrestrita, os policiais não queriam que ela fosse dessa forma, que fosse mais restritiva exatamente para certas pessoas não voltarem para o Brasil e ter a preeminência que tiveram, então é uma história que passou e vamos fazer de tudo para que ela não volte a se repetir (Bolsonaro, 2018, minuto 06:38 até 07:08).

Essa fala se torna emblemática por dois motivos: primeiro, a ideia de que não se deve mais discutir sobre um jornalista morto no regime militar e segundo pela frase “vamos fazer de tudo para que ela não volte a se repetir”, por que qual exatamente é o sentido de lutar para que algo não aconteça novamente se não existe o reconhecimento total daqueles fenômenos? Em que se sustenta essa argumentação, quando não podemos sequer discutir “com teor” acerca dos mortos pela ditadura civil-militar? E então percebemos que ao dizer que fará de tudo para que essa história não se repita, Bolsonaro não se refere aos crimes cometidos pelos militares, e sim das supostas subversões dos comunistas desse período. Não existe aqui um compromisso em entender esse fatos históricos como verdadeiros, por mais que já tenham sido desmentidos, o importante é a mensagem que ele deixa de que o período ditatorial já não tem relação com esse Brasil que ele almeja governar e que essa discussão sobre torturas, assassinatos e desaparecimentos deixou de ser importante no momento em que todos foram anistiados e que os subversivos do regime puderam retornar ao país, aqui tratando a Lei da Anistia como autossuficiente para tapar o buraco que o regime ditatorial deixou nos sobreviventes. Mais que isso, notamos uma ameaça velada ao mencionar que os policiais nem queriam, ou seja, saímos até um pouco insatisfeitos dessa situação e caso a temática seja retornada novamente nós é que estaremos no direito de solicitar benesses.

Um grande debate dentro do leque da disputa das memórias é o papel primordial que a Lei da Anistia teve nesse movimento, pois, mesmo que ela tenha tido uma ação em comum para os militares e para os militantes, ela não parece o suficiente nem para um e nem para outro. Os militares, que foram beneficiados e não condenados pelos seus crimes, acreditam que a anistia

⁸ A Corte Interamericana dos Direitos Humanos analisou o contexto e o caso de Vladimir Herzog, sua tortura e assassinato. Veja o documento completo: https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_353_por.pdf.

representa o esquecimento total das perversidades do regime, e isso não ocorreu, principalmente com a implementação da Comissão Nacional da Verdade, que trouxe à tona o passado e prestou escuta para as vítimas. Os militantes e opositores do regime observam a anistia como uma ferida aberta que não trouxe justiça e não amparou os familiares e sobreviventes das violações dos Direitos Humanos cometidas pela ditadura. A Lei da Anistia, dessa maneira, provoca um entrave que perpetua a disputa de memória dos militares e da oposição, onde ambos os agrupamentos não se sentem integralmente protegidos por ela e enquanto um lado se sente no direito de relatar a sua rememoração de uma suposta revolução que salvou o Brasil do comunismo e a oposição recorda de um golpe inconstitucional que não gerou consequências para os golpistas.

Em seus discursos, não houve golpe algum. É necessário, entretanto, entender esse conceito. Para Sérgio Rodrigues de Souza (2018),

Golpe de Estado é derrubar, de maneira ilegal, um governo, constitucionalmente, legítimo. Os golpes podem ser violentos ou não e podem corresponder aos interesses da maioria ou de uma minoria, apesar de este tipo de ações, normalmente, triunfam quando podem contar com o apoio popular(...) ou, também, um golpe militar, em que a unidade das forças armadas ou de um exército popular conquistam alguns lugares estratégicos do poder político para assim formar a rendição do governo (Souza, 2018, p. 04).

Enquanto um grupo sugere que foi golpe, outro insinua revolução, que é o caso de Jair Bolsonaro, dos militares e da extrema-direita. Essa disputa de memória entrou em ascensão devido à efervescência de polarização política e está atrelada em uma disputa também de poder. Tal disputa ganhou espaço nas discussões sobre a Lei da Anistia e responsabilização dos militares, enquanto a extrema-direita tenta tomar para si a memória da ditadura civil-militar enquanto um movimento revolucionário que salvou o Brasil do perigo vermelho (Rodrigues e Vasconcelos, 2014). A revolução pode ser entendida como

uma mudança radical dentro de uma sociedade, que ocorre no contexto político, econômico, cultural e social, onde é estabelecida uma nova ordem, que é instituída pelas forças políticas e sociais vencedoras. No sentido conotativo, uma revolução pode ser o sinal de uma profunda transformação (Souza, 2018, p. 05).

Alegar que foi uma revolução e não golpe não só caracteriza essa disputa de memória, como é um argumento aliado da narrativa negacionista que busca enterrar os seus próprios crimes do regime ditatorial enquanto culpabiliza os militantes pela existência da “revolução” que ocorreu em nome de um bem maior, que era salvar o Brasil da suposta revolução comunista. A memória sobre a ditadura dentro das comunidades de memórias das forças armadas produz uma versão estável sobre os acontecimentos, que não somente articulam permanência mas

também hierarquizam os eventos, que resulta na disputa das memórias (Bauer, 2020). A disputa de memória também se encontrou nas comemorações do de março de 1964 enquanto familiares de desaparecidos e assassinados lutavam pelo reconhecimento desses crimes e punição de seus agressores militares que estavam livres.

Nesse trecho da entrevista ao Roda Viva, Bolsonaro justifica.

Primeiro que não foi golpe. Golpe é quando alguém mete o pé na porta e tira aquele cidadão de lá, o executa ou faz uma maldade qualquer. Ele simplesmente deixou o Brasil e quem declarou vago a cadeira do presidente na época foi o parlamento brasileiro (Bolsonaro, 2018, minuto 07:54 até 08:11).

Um dos objetivos de não caracterizar os acontecimentos de março de 1964 como golpe é contribuir para a ideia de que foi um momento excelente que ninguém lamentaria caso retornasse. Essa ideia que defende o regime ditatorial como uma suposta era milagrosa, segura e pura lembra os apontamentos de Raoul Girardet que defende que o presente e futuro são caracterizados com base no passado legendário (Girardet, 1986), nesse contexto, seria a ditadura a nossa “era de ouro”. Um passado desejado, pouco ou muito lembrado mas extremamente necessário o seu retorno.

É possível perceber que esse negacionismo do golpe vai levando a vários outros relacionados à ditadura, se não foi golpe então quem diz que foi golpe força uma narrativa de que crimes foram cometidos durante a ditadura civil-militar, e esses crimes não existem para Jair Bolsonaro, como podemos ver nesse trecho da entrevista ao Roda Viva o que ele tem a dizer sobre Vladimir Herzog:

Olha só, suspeita-se de que ele ter sido morto sob tortura tendo em vista ter sido enforcado em um metro e vinte de altura aproximadamente, não é isso? Seria impossível alguém morrer enforcado né praticar o suicídio em um metro e vinte de altura. Tem duas operações da polícia federal recente aqui, tem poucos anos, a mais importante foi em Goiânia pegaram um cara que praticavam o sequestro, sequestrava e mandava para fora do Brasil crianças, foi preso amanheceu enforcado em um metro e meio, um metro e vinte também numa cela...porque para nós é execução e para eles do outro lado é suicídio? (Bolsonaro, 2018, minuto 23:16 até 23:59).

Apesar desses fatos conhecidos, para Jair Bolsonaro, ele pode sim ter se suicidado. Aqui nessa fala ele ignora as duas testemunhas que atestam terem escutado Vladimir Herzog sendo torturado poucas horas antes de ser morto, além do próprio atestado de óbito, que foi retificado e não consta mais como suicídio sendo a causa da morte e do suposto cinto que ele teria utilizado para se enforcar, que não fazia parte do macacão que os presos utilizavam (Azevedo e Carvalho, 2019). Ele também ignora os anos que a família lutou na justiça pelo reconhecimento do seu

homicídio e pelo seu atestado de óbito. Não existe nesse discurso qualquer tipo de comprometimento com a veracidade do caso e com o sofrimento humano. A negação desse assassinato também parecer ter a ver com a relação de Bolsonaro com a instituição militar, quando ele pergunta “porque para nós é execução” ele tenta subverter as vítimas da situação e expor os militares como, na realidade, injustiçados, acusados de crimes que não cometeram. Mais ainda, ele estabelece um discurso de nós-eles em que o “nós” são justamente os exaltadores desse nacionalismo ufanista e assassino, ao passo que o eles são todos os outros que não fazem parte desse grupo. Essa inversão de vítimas ainda está ligada ao ressentimento político de Jair Bolsonaro, que tenta a todo custo se manter e encabeçar o cidadão de bem e os militares no eterno papel da vitimização (Kehl, 2020).

A Comissão Nacional da Verdade, apesar da sua atuação de certa forma limitada, nos ajuda a entender o forte e pessoal ressentimento que Jair Bolsonaro têm com os “inimigos” da ditadura. Isso se percebe quando da sua forte atuação contrária ao projeto de lei da criação da Comissão Nacional da verdade, se referindo ao projeto como bolsa ditadura e indo pessoalmente nas visitas de diligência ao DOI-CODI para tentar impedir a atuação dos membros da Comissão (Pedretti, 2019). Sua reação demonstra não somente uma oposição à Comissão, mas também a sua extrema irritação pessoal com qualquer movimento que busque tirar o enfoque dos militares e escutar os torturados. Ele representa, assim, uma persona muito conservadora e reacionária à memória da ditadura, que não somente fez de tudo para “não mexer no vespeiro” das mortes e desaparecimentos, como também levou consigo essa característica marcante para a presidência da república. É muito provável que Bolsonaro veja a ditadura como uma utopia, como defende Bauer (2020), um lugar no tempo perfeito que ele almeja desesperadamente o retorno.

Esse discurso é o que inspira vários outros brasileiros a negarem mortes e torturas que ocorreram durante a ditadura. Bolsonaro surge como essa figura que assegura que todos os cidadãos conservadores possam finalmente proferir suas opiniões, mesmo que sejam moralmente condenáveis ou politicamente incorretas. É fato que Jair Bolsonaro não instigou todos os brasileiros negacionistas a se tornarem negacionistas, mas deu coragem para que esses discursos vissem à luz do dia. É interessante pensar como Bolsonaro se torna essa figura permissiva de certos comportamentos e discursos, despertando sentimentos que talvez outros candidatos não conseguissem.

No dia 29 de outubro de 2018, um dia após as eleições, Jair Bolsonaro concedeu uma entrevista à rede Band de Televisão em sua casa na Barra da Tijuca. Ele foi entrevistado pelos repórteres Alexandre Tortoriello e Rodrigo Hidalgo. A entrevista completa durou 28 minutos e

foi transmitida dia 30 de outubro de 2018 no Jornal da Band, o vídeo está disponível no canal do Youtube da rede de televisão, o que permitiu a análise. É importante salientar que, antes mesmo de se candidatar à presidência, Jair Bolsonaro encontrou na Rede Band uma excelente forma de divulgação, já que as suas aparições no programa Custe O Que Custar (CQC) ajudaram na popularização da sua imagem e propagação de seus ideais, apesar que o programa supostamente apresentava suas ideias sob o manto acobertador da piada e da brincadeira (Apratto, 2023).

Na supracitada entrevista ele fala novamente sobre a ditadura civil-militar brasileira e sobre as vítimas do regime. “Não tenho arrependimento, eu estou muito feliz que mostrei que realmente hoje em dia grande parte da população entende que o período militar não foi ditadura como a esquerda sempre pregou” (Bolsonaro, 2018, minuto 02:35 até 02:35). Aqui é feita uma separação clara dos setores da sociedade, os que consideram golpe e ditadura são os esquerdistas inimigos da população aliados ao comunismo. Já os que não acreditam que foi golpe e vangloriam os militares são os cidadãos de bem, verdadeiros patriotas que sabem e conhecem tudo sobre o período do regime militar. Nessa divisão de lados, Bolsonaro se esforça para demonstrar que essas duas versões são similares, por exemplo, se de um lado temos violência por parte dos militares, do outro temos violência e ataques terroristas dos comunistas, tentando assim fazer um balanço quando na realidade essas duas perspectivas não são equilibradas.

O próprio debate sobre se foi um golpe ou uma revolução é um outro exemplo dessa dualidade apresentada no seu discurso que funciona, ele mostra a esquerda enquanto defensora de uma ideologia que não tem o brasileiro patriota em primeiro lugar. O seu objetivo aqui não parece ser acabar com a oposição e sim, utilizar dessas pautas defendidas e levantadas que não são compatíveis com o que o conservador brasileiro pensa e, a partir desse contraponto, conseguir apoio e ascensão política. Esse “nós contra eles” passa a funcionar como uma característica identitária, em que é possível se conhecer a partir da diferença com o outro. Nesse ponto, é fundada a visão histórica do bolsonarismo. Essa ideia lembra Carl Schmitt⁹ e a sua defesa de que a contradição entre esses inimigos tem um forte caráter político e que é perante o outro que se encontra a compatibilidade, onde quanto mais for identificar o inimigo, mais fácil se torna a construção de si mesmo (Han, 2017).

⁹ Carl Schmitt (1988-1985) foi um pensador e jurista alemão que prestou contribuições principalmente com sua obra “O conceito do político”. Ele era, no entanto, membro do Partido Nazista alemão.

Durante sua entrevista para a rede Band, Jair Bolsonaro foi questionado se o regime militar matou menos gente do que deveria.

Olha só, eles dizem que foram 400 e poucos, eles dizem, como tinha a lei da vadiagem naquela época, você tinha que ter um documento na rua, muitas vezes o elemento ia assaltar um banco ou roubar um caminhão de carga na baixada, como o próprio ex-marido de Dilma Rousseff dizia ne, e quando era morto era enterrado como indigente e passava a ser desaparecido político (Bolsonaro, 2018, minuto 04:00 até 04:20).

Nesse trecho, Bolsonaro explana bem essa divisão do nós e eles. Em “o elemento ia assaltar um banco ou roubar um caminhão” ele deixa claro quem é esse *outro* que sofreu na ditadura. É interessante pensar como essa lógica se liga ao ressentimento. Roberto Romano argumenta em seu artigo para o jornal da UNICAMP que o ressentimento foi muito utilizado pela extrema-direita e tem relação direta com suas vitórias e chegadas ao poder, além de caracterizar o outro com aspectos ruins para endossar a si mesmo como bom (Romano, 2019). Jair Bolsonaro os julga como “bandidos” que mereceram o tratamento que tiveram durante a ditadura civil-militar e os difama, instigando que os seus apoiadores façam o mesmo. Ele cita também a ex-presidente Dilma Rousseff, inserindo-a nesse meio de criminosos e utilizando o nome dela e sua participação na oposição ao regime para promover esse ataque aos desaparecidos.

O número referenciado por Jair Bolsonaro são os 434 mortos e desaparecidos que a Comissão Nacional da Verdade expôs em seu relatório oficial final. Essa fala de Jair Bolsonaro, ao dizer “eles dizem que foram 400 e poucos, eles dizem” é questionadora dessa obtenção de dados, sugerindo uma falsificação ou exagero de poucos casos isolados.

Entretanto, esse número não representa o real, mas não da forma que Jair Bolsonaro sugere. Como diz o próprio relatório:

No âmbito desse quadro de graves violações de direitos humanos, a CNV teve condições de confirmar 434 mortes e desaparecimentos de vítimas do regime militar, que se encontram identificados de forma individualizada no Volume III deste Relatório, sendo 191 os mortos, 210 os desaparecidos e 33 os desaparecidos cujos corpos tiveram seu paradeiro posteriormente localizado, um deles no curso do trabalho da CNV. Esses números certamente não correspondem ao total de mortos e desaparecidos, mas apenas ao de casos cuja comprovação foi possível em função do trabalho realizado, apesar dos obstáculos encontrados na investigação, em especial a falta de acesso à documentação produzida pelas Forças Armadas, oficialmente dada como destruída. Registre-se, nesse sentido, que os textos do Volume II deste Relatório correspondentes às graves violações perpetradas contra camponeses e povos indígenas descrevem um quadro de violência que resultou em

expressivo número de vítimas (Comissão Nacional da Verdade, 2014, p 963).

Essa fala tem algumas nuances pois instiga a pensar que apenas quem desapareceu no regime militar “era por que estava fazendo alguma coisa errada”, logo motivando uma reação dos militares. Aqui ele também duvida do número apresentado, contrariando a CNV e historiadores, a sua escolha de palavras e até mesmo a entonação em “eles dizem que foram 400 e poucos, eles dizem” mostra como ele está sempre dando um jeito de confrontar dados oficiais tentando plantar dúvida e negação na cabeça dos eleitores. É notável já que os dados oficiais da ditadura são diversos, e Jair Bolsonaro se utiliza deles para tentar provar seus pontos e embasar seus argumentos, a questão é que ele inverte os sentidos para usar esses dados ao seu favor. Por exemplo, sua fala sobre os enterrados indigentes é verídica, já que de fato muitos desaparecidos políticos foram mortos e enterrados como indigentes¹⁰, entretanto, ele usa o dado para mudar o sentido e lança outro questionamento acerca da confiabilidade em considerar esses indigentes como desaparecidos políticos.

Em 06 de junho de 2019, enquanto estava na Argentina, Jair Bolsonaro discursou na Cerimônia de encerramento do “Seminário de Indústria de Defesa”. A sua fala breve de aproximadamente 7 minutos não está disponível em áudio nem em vídeo, apenas a descrição integral da sua fala no site da Biblioteca da Presidência da República. O conteúdo de seu discurso era voltado para mostrar as aproximações ideológicas e políticas da Argentina e do Brasil. Nesse seminário também estavam presentes o Ministro da defesa do Brasil Fernando Azevedo e da Argentina Oscar Aguad. Segue um trecho da fala de Jair Bolsonaro.

Mas não podemos flertar com o abismo que por vezes bateu em nossa porta. Quantas vezes nós, militares das Forças Armadas, fizemos a nossa parte e fomos incompreendidos pela sociedade? O Brasil viveu o seu momento. A Lei da Anistia só valeu para um lado. Não temos militares presos no Brasil por essa questão, mas não foi fácil fazer com que a Lei da Anistia valesse para nós também, a duras penas. E nós sabemos quem está do outro lado do Brasil e da Argentina, e o que eles poderão fazer caso retornem ao poder. Não podemos flertar com isso. Não estou nominando partidos políticos aqui ou no Brasil. Mas cada um tem a consciência do que pode acontecer com a sua pátria. Nós, militares, juramos dar a nossa vida pela pátria, aqui e no Brasil. Esse é o nosso juramento, esse é o nosso sentimento. Por 30 anos as Forças Armadas, no Brasil, foram relegadas ao terceiro plano. Criaram comissões para nos desgastar, para nos desacreditar perante a opinião pública. Porque nós, das Forças Armadas, somos o último obstáculo para o socialismo. Regime esse que não deu certo em lugar nenhum no

¹⁰ Em 1990, foram encontradas mais de mil ossadas sem identificação no Bairro Perus em São Paulo. A vala, suspeita-se, era utilizada para depositar os corpos dos mortos durante tortura no DOI-CODI (Justamand, Mechi e Funari, 2014).

mundo. Esse é o recado político, se me permitem tratar dessa maneira (Bolsonaro, 2019).

Em dois trechos é possível perceber um ressentimento em sua fala. Roberto Romano, ainda em seu artigo para o jornal da UNICAMP, aborda esse tema na perspectiva de Spinoza, onde o ressentimento se conecta com o rancor e a necessidade de vingança, e ainda ajuda a estabelecer a ideia de que existem um grupo responsável (o *outro*) pelas injustiças sofridas (Romano, 2019). Isso está muito presente na sua fala de Bolsonaro quando ele diz que as Forças Armadas são incompreendidas pela sociedade e que elas foram relegadas a segundo plano. É um discurso que imputa aos militares o fardo de salvar as nações do perigo comunista, contribuindo para a lógica de que apenas essa força militar armada pode salvar o Brasil do comunismo, como fez em 1964. Essa heroicização das Forças Armadas e compreensão de que eles são os salvadores pôde ser vista em prática no evento do final de 2022, quando alguns bolsonaristas foram para frente dos quartéis clamar por uma intervenção militar, depois que o Jair Bolsonaro perdeu as eleições de 2022 para Luís Inácio Lula da Silva. Argumentar que a Lei da Anistia somente valeu para “um lado” é repetir aquele sentido de que os sobreviventes a ditadura foram beneficiados com essa Lei e que, não existe mais nada a ser reivindicado por eles. É instituir que a Lei da Anistia fez o seu trabalho para os subversivos e tratar isso como um grande favor. Ele transforma o sentido das lutas acerca da ditadura civil-militar quando diz que não foi fácil fazer a Lei valer para os militares, sugerindo que a redemocratização privilegiou os que eram contrários à ditadura enquanto quase puniu os militares. Nessa fala, Bolsonaro ajuda a construir um argumento que volta os olhos de alguns dos seus seguidores para o regime ditatorial e os pensar que tivemos muito a perder com o fim do regime. Essa obsessão com o passado é que alimenta o ressentimento (Kehl, 2020).

No seguinte trecho, Bolsonaro diz “E nós sabemos quem está do outro lado do Brasil e da Argentina, e o que eles poderão fazer caso retornem ao poder” (Bolsonaro, 2019) insinuando novamente a divisão do país em dois lados opostos. É possível refletir a partir dessa fala, como uma vez que a extrema-direita se encontra no poder, é necessário que tudo seja feito para que ela não mais desocupe esse lugar, pois a esquerda ou qualquer oposição possível representa a maior ameaça a ser enfrentada (Mariani, 2019). É interessante como ao dizer que as pessoas têm consciência do que pode acontecer com o país, ele imputa uma carga de responsabilidade retornando aos tempos da ditadura onde a população civil da classe média apoiou o golpe. Uma parcela de tal população de classe média alta, imaginando que supostamente estava acontecendo uma movimentação comunista para tomada do poder no Brasil se uniu nas ruas para impedir que aquilo acontecesse, é como se Jair Bolsonaro mostrasse aos seus seguidores que isso

poderia se repetir caso os inimigos (a esquerda) chegassem ao poder novamente. No imaginário bolsonarista, não existe ninguém mais habilitado para impedir o suposto avanço das forças esquerdistas e comunistas e liderar as forças armadas do que Jair Bolsonaro. Ele se posta como esse líder heroico e se concretiza na ideia de Salvador que se cristaliza em torno de esperança e emoção, guiando o destino coletivo da nação (Girardet, 1986). Ele desperta essas sensações afetivas que poucos conseguem.

Para além disso, ele também responsabiliza as Forças Armadas como responsáveis por livrar a todos do socialismo. A construção da lógica de que os militares são os verdadeiros aliados dos patriotas auxilia na supervalorização da sua imagem e proteção dessa massa civil aos militares: eles ficariam igualmente revoltados com as “injustiças” que o governo democrático submete à essa classe e contariam com esse apoio caso precisassem tomar o poder do inimigo.

Em 24 de setembro de 2019, enquanto estava nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro discursou na Abertura do Debate Geral da Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York. Ele abordou diversos temas, como a questão indígena no Brasil e suas terras, a relação do Brasil com Cuba, Venezuela e Estados Unidos e exaltou a Organização das Nações Unidas. Esse discurso foi preparado previamente e lido. Esse foi o único discurso analisado na pesquisa que foi lido na íntegra por Jair Bolsonaro. Esse momento está disponível no site da Biblioteca da Presidência da República.

A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras. Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade (Bolsonaro, 2019).

Primeiramente, é interessante notar como ele clama pela história. Em “A história nos mostra” mesmo que a afirmação que ele faça nesse trecho não seja embasada historiograficamente, ele está constantemente buscando a validação histórica para fundamentar a sua narrativa. A história é usada quando lhe convém. Essa distorção sobre envio de agentes cubanos para implementar ditaduras na América Latina mostra que Bolsonaro sabia muito bem o público que iria receber o seu discurso, e tem um senso de diálogo com interlocutores bastante aguçado. Não é viável discursar nos Estados Unidos e falar sobre a interferência desse país nos regimes democráticos que existiam na AL, e mesmo que Jair Bolsonaro acredite nisso, esse tópico não aparece em suas falas, então não era esperado que isso fosse mencionado por ele. Entretanto, ele fala das interferências e estímulos aos golpes de estado, que é um fato verídico,

e atribui ao seu inimigo, os socialistas. Semelhante ao que ele faz quando fala de nazismo, por exemplo, que será mais abordado em seguida. Ele não nega o Holocausto, mas o atribui à esquerda. Essa lógica não nega totalmente fatos históricos, mas sim os seus sujeitos.

Outro panorama que é possível visualizar é a questão da condição de guerra no seu discurso. O vocabulário belicoso é algo muito recorrente em suas falas, seja por suas referências militares, seja pela forma de resolver a questão nós-eles por meio do total e completo extermínio do outro. Aqui, retornamos para as ideias de Carl Schmitt, pois ele reforça esse parecer ao expor que violência direcionada ao inimigo concede firmeza da sua identidade e como esse inimigo é uma ameaça a sua existência é nesse momento que a guerra entra e afirma seu sentido (Han, 2017).

No dia 22 de novembro de 2019, em uma visita ao Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro faz uma palestra na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Seu público era majoritariamente militar e a sua fala foi auxiliada por um datashow, mas ele não leu nada escrito. Sua fala está disponível no site da Biblioteca da Presidência da República. Seu propósito era expor algumas metas para o seu governo e explanar o seu prestígio pelas Forças Armadas.

Quando eu votei, em 2016, pelo impeachment da Dilma, evocando, aí, o Brilhante Ustra, o que um grande marqueteiro que tinha no Parlamento falou é que eu não me elegeria mais nem vereador. Bem, aconteceu que chegamos à Presidência. E o que fez, obviamente, chegar à Presidência, com posições dessa natureza? É tendo a verdade acima de tudo. Tendo a verdade, a gente consegue chegar no final da linha (Bolsonaro, 2019).

A sugestão de Jair Bolsonaro é muito clara, ele insiste que não teria sido eleito se o que ele falasse fosse tão absurdo, como se os votos fossem validadores da verdade. Ele relembra o seu discurso ao votar a favor do impeachment de Dilma Rousseff em 2016 em que ele cita Carlos Alberto Brilhante Ustra e demonstra em sua fala que a recepção negativa desse discurso não teve impactos reais em sua carreira política. Ao referenciar que ele chegou à presidência tendo a verdade como um mantra a se apegar, o que é reiterado pela recorrente citação bíblica de João Capítulo 8 Versículo 32, ele insiste na ideia de oposição de lados dicotômicos, no referente à ditadura civil-militar, um certo e um errado. Como numa alegoria da caverna, ele se coloca na posição de propagador da verdade, uma verdade que estava oculta e que viu a luz do dia quando ele se posicionou acerca dela. Em “posições dessa natureza” ele insinua como vai contra a ordem para defender seus ideais e a sua verdade (e consequentemente os valores dos seus seguidores). A construção dessa lógica visa a perpetuação de sua imagem como um líder que representa a nação patriota que é ressentida com a política brasileira, por isso ele se colocava como um presidente diferente, que não era corrupto e que iria mudar o rumo do país.

Segundo o professor e sociólogo Pierre Ansart “Os ressentimentos e os sentimentos compartilhados de hostilidade são um fator eminente de consenso e de solidariedade no seio do grupo” (Ansart, 2004, p.216). Observando a manifestação bolsonarista a partir dessa ótica, se torna compreensível como o ressentimento é inflamado e utilizado para mobilizar essa massa seguidora. Ainda na visão de Ansart (2004), esse fator também estimula um forte senso de identificação individual de cada um com o grupo. Ele garante, portanto, um reconhecimento entre os sujeitos do grupo, que se encontram em coesão. Pensando também naquela lógica de oposição entre *nós* e *eles*, em que se elabora um sistema para diferenciar ambos (Paludo e Fraga 2020), Pierre Ansart aborda “A genealogia da moral” de Nietzsche e sua ideia de oposição quando se trata de ressentimento, pois o ressentido se percebe como suprasumo do bem, enquanto os outros que os lesam são emissários do mal (Ansart, 2004). Dessa forma, é possível perceber como o ressentimento é usado com sucesso por líderes políticos para mobilizar as emoções dos apoiadores nas suas campanhas, e não foi diferente com Jair Bolsonaro. A certeza de que o ressentimento tem um papel importante não significa que os historiadores não encontram dificuldades para compreender as percepções e contradições que ele carrega (Ansart, 2004).

Ainda na fala de Bolsonaro na palestra (Bolsonaro, 2019), a perspectiva histórica entra para usar o passado como um exemplo que pode ou não voltar a se repetir. As suas alusões ao período como detentor da verdade e homenagens recorrentes a torturadores passam uma mensagem clara que é bem recebida pelo interlocutor: de que o seu governo seria o mais similar possível ao regime ditatorial (por ser um tempo bom, de progresso e exemplarmente moral), de forma que as repressões aos comunistas e subversivos aconteceria similarmente ao que ocorreu entre 1964-1985.

É importante pensar que já durante a campanha eleitoral em 2018, Bolsonaro negava na entrevista ao Roda Viva o conhecimento da existência dos arquivos da ditadura e se recusava a abri-los para que o seu conteúdo se tornasse de conhecimento público. Se pensarmos que Bolsonaro teve esse pensamento durante todo o seu governo, aliado à relativa insuficiência da Comissão Nacional da Verdade, instalada 48 anos depois do golpe e sem ter como objetivo prisões e julgamentos (Ribeiro e Bertol, 2021), o resultado é uma grande insatisfação da população marginalizada que além de sofrer durante a ditadura, também é negligenciada e não ouvida durante um governo democrático.

Em uma coletiva em 28 de dezembro de 2020 em frente ao Palácio da Alvorada, Jair Bolsonaro ironizou a tortura sofrida por Dilma Rousseff durante a ditadura civil-militar.

Os caras se vitimizam o tempo todo “fui perseguido”...teve um fato aí, que esqueci o nome da pessoa mas é só procurar que vai achar aí com facilidade, que disse a Dilma foi torturada, que fraturaram a mandíbula dela, daí eu falei traz o raio x pra gente ver o calo ósseo. Olha que eu não sou médico, mas até hoje estou aguardando o raio x (Bolsonaro, 2018, 26 segundos).

Essa fala foi recebida com risadas por alguns jornalistas presentes na coletiva, como se Jair Bolsonaro estivesse contando uma piada. Mas apesar de parecer apenas uma piada maldosa, é possível entender que Jair Bolsonaro quer passar aos telespectadores a noção de que não acredita que Dilma Rousseff tenha passado por uma sessão de tortura, e empurra assim um negacionismo para cima de uma vítima que acaba respingando em todas as outras. Em “até hoje estou aguardando o raio x” ele almeja uma fonte que comprove uma fratura na mandíbula, atuando como um historiador tradicional que busca a verdade sobre o passado. Para o historiador Marcos Meinerz (2023), pesquisador brasileiro sobre negacionismo e extrema-direita, os negacionistas empregam similaridades com o trabalho historiográfico para validar os seus argumentos. É interessante como esse comportamento aparece várias vezes quando Bolsonaro sugere que a narrativa da ditadura é contada errada, que existe um lado não visto, é como se existisse uma verdade oculta sobre esse passado.

Assim como Vladimir Herzog não foi assassinado, Dilma Rousseff não foi torturada e as outras centenas de vítimas são mentirosos que, caso tenham de fato sofrido alguma violação dos Direitos Humanos, isso não representava o regime militar, provavelmente fizeram por merecer. Caroline Bauer é uma historiadora especialista em ditadura militar brasileira, para ela o negacionismo e a nostalgia positiva acerca da ditadura permitem a valorização da repressão e autoridade, segundo ela ainda, Bolsonaro investe na narrativa de que são esses os valores que mantém a identidade nacional unida, enquanto as minorias (lê-se aqui os outros, inimigos) trabalham para rompê-la. Esse discurso de ódio tem sido um dos motores do bolsonarismo (Bauer, 2020).

Em mais uma fala temática acerca da ditadura civil-militar no aniversário de 58 anos do golpe de 64, Jair Bolsonaro estava em uma coletiva em Brasília (31 de março de 2022) quando discursou sobre a data alusiva. Essa fala está disponível em vídeo no canal da CNN Brasil no Youtube e o discurso na íntegra está disponível no site da Biblioteca da Presidência da República.

Hoje são 31 de março. O que aconteceu nesse dia? Nada. A história não registra, nenhum presidente da República tendo perdido seu mandato nesse dia. Por que, então, a mentira, a quem ela se presta? O Congresso Nacional, no dia 2 de abril de 1964, votou pela vacância de João Goulart, com voto, inclusive, de Ulisses Guimarães. Quem assumiu o governo nesse dia? Não foi nenhum militar, foi um deputado federal,

presidente da Câmara, de nome Ranieri Mazzilli. Por que omitir isso? O que aconteceu no dia 11 de abril de 1964? Tivemos eleições indiretas na Câmara dos Deputados, no Congresso Nacional, à luz da Constituição de 1946. E ali, com voto também de Ulisse Guimarães, o Congresso, com quase 100% dos presidentes, elegeu o Marechal Castelo Branco, companheiro da República, à luz da Constituição de 1946. E ele só tomou posse no dia 15 de abril de 1964. E prosseguiu a história. Todos aqui tinham o direito, o deputado Daniel Silveira, de ir e vir, de sair do Brasil, de trabalhar, de construir família, de estudar, como muitos aqui estudaram naquela época (Bolsonaro, 2022, minuto 0:20 até 2:20).

Esse é o único momento da fala disponível em vídeo. Iniciando seu discurso, Bolsonaro insinua que a cartada do Congresso de declarar vaga a cadeira da presidência do Brasil foi válida, entretanto, João Goulart que ocupava o cargo durante o ocorrido se encontrava no país dentro de suas obrigações. Um presidente deposto de seu cargo de forma inconstitucional não é golpe?¹¹ Para Jair Bolsonaro, isso não tem cabimento. Em 2013, o congresso decidiu anular essa sessão de 02 de abril de 1964, para que de forma simbólica a cadeira fosse “devolvida” para João Goulart (Simon, Rodrigues, 2014).

Mais uma vez, essa fala repercute e insinua ao citar que durante o regime militar existia o direito de ir e vir, que aqueles que foram de alguma forma punidos, sofreram as consequências de fazer algo errado. É como aquele famoso ditado que costumamos escutar de algumas pessoas mais velhas “se estivesse em casa, não teria sido pego”. Essa narrativa impulsionada por Jair Bolsonaro demonstra o forte diálogo que ele consegue ter com os setores mais conservadores da sociedade sem nem precisar de muito esforço.

Ainda neste dia 31 de março de 2022, Jair Bolsonaro falou um pouco mais à frente “A resiliência do povo brasileiro, o trabalho daqueles, naqueles anos de governo, foi difícil também. É uma luta da verdade contra a mentira, da história contra estória, do bem contra o mal, e o Brasil resistiu” (Bolsonaro, 2022). Esse registro não se encontra em vídeo, mas ainda se faz importante de analisar. A dualidade aqui presente do bem versus o mal encontra sustento em mais uma teoria da conspiração muito declarada por Bolsonaro: de que em 1964 o Brasil seria tomado pelos comunistas. A ameaça vermelha aterrorizou a população, entretanto, dentro do contexto da guerra fria, de incertezas e instabilidades políticas, além da forte propaganda anticomunista, era possível compreender o medo que a população tinha, mesmo que fosse de algo que não compreendiam, de mudanças radicais e de ataque aos seus valores (Reis, 2000).

¹¹ Para Lucilia Delgado (2009), o movimento que depôs João Goulart de seu mandato de presidência foi um golpe de Estado articulado com motivações internas e externas, resultado também de radicalizações ideológicas, crises governamentais e difamações do governo de Goulart.

Atualmente, a descoberta de novas documentações atesta que essa ameaça comunista não só não existiu como foi extremamente atenuada pela participação e influência dos Estados Unidos no golpe militar. Além disso, vivemos um novo contexto, a guerra fria não existe mais, assim como a URSS, mas isso não vem ao caso uma vez que o fantasma é facilmente evocado por discursos de ódio e amedrontamento no sentido de capitalizar politicamente e estigmatizar os adversários. Jair Bolsonaro proclamando sempre que pode que o regime militar ocorreu para salvar o Brasil do comunismo não apenas gera defesa por esse período por parte dos eleitores, mas também os incentiva a clamarem para que esse golpe aconteça novamente.

As fontes selecionadas aqui conversam no sentido de que ele está referindo sobre o mesmo assunto: o regime ditatorial brasileiro. Entender como Jair Bolsonaro constrói o seu argumento às vezes pode ser um pouco difícil, já que ele diverge consigo mesmo várias vezes, que fala o que parece ser conveniente no momento e depois muda de acordo com o novo contexto da situação.

No mais, ainda assim não é impossível perceber que o seu argumento se vale da seguinte forma: sugere que não existiu ditadura nem golpe, afirma que os torturados são mentirosos, declara o desejo de esquecer essa história e criar uma nova, além de amenizar os crimes lesa humanidade dos militares. Essas narrativas são direcionadas para um grupo populacional em específico, que concordou e aplaudiu ao ver os seus valores ali representados, além de terem recebido propostas de soluções para os problemas como corrupção e subversão da família brasileira. Assim, direcionando o seu discurso para um grupo que já busca destilar ódio, ele garantiu que a liberdade de expressão de tais grupos justificasse a repetição e endossamento das suas falas negacionistas. Ele assegura que essas pessoas possam expor opiniões que antes não tinham espaço no debate público. Bolsonaro passa a confiança de que, os discursos negacionistas da história no Brasil, que antes não eram levados a sério, na realidade sempre foram válidos e só não eram debatidos devido a uma suposta censura.

Jair Bolsonaro estava desde muito antes de sua campanha para presidência do Brasil proferindo discursos negacionistas sobre a ditadura civil-militar, apesar de que essas falas não são aqui abordadas, elas existiam. As suas investidas contra a democracia a partir de discursos negacionistas são violentas e um reflexo direto da extrema-direita brasileira que ameaça diariamente a dignidade do cidadão e coloca em risco a democracia que tantos lutaram e morreram para trazer de volta após o golpe de 1964.

2.1 JAIR BOLSONARO E O NAZISMO

Entre 1939-1945, anos da Segunda Guerra Mundial, as nações se chocaram com as barbáries cometidas pelos nazistas no Holocausto dentro dos campos de concentração. Este fato, porém, não foi o suficiente para não permitir que muito dessa história fosse distorcida. Inclusive, foi depois do Holocausto que as primeiras definições de negacionismo apareceram, para entender e dar nome à negação desse fenômeno histórico.

El concepto de negacionismo se empleó originalmente para dar cuenta específicamente de los fenómenos de negación de la existencia de la Shoa, sobre la que se afirmó que no había acontecido desde los tiempos contemporáneos a su desarrollo y en los años sucesivos. Una vez que la Shoa se constituyó desde fines de la década de 1960 como paradigma de la cultura de la memoria, el uso del concepto se ha extendido para nombrar otros casos en los que se niegan hechos de violencia masiva, genocidios, matanzas, como los acontecidos en América Latina entre las décadas de 1960 y 1980. A partir de allí, el uso se amplió nuevamente, para referirse a la negación de problemas del presente y ya no del pasado, como los referidos al cambio climático y el calentamiento global o, en nuestros días, de la pandemia de Sars-Covid 2 (Lvovich, 2023, p 77).

No contexto estudado dessa pesquisa, Jair Bolsonaro está na ocupação de um líder que está conquistando uma grande massa e propaga por meio de mentiras que há muito foram desmitificadas, mas com uma apropriação histórica que convenceu pelo menos metade dos eleitores brasileiros em 2018. Justamente por isso, é importante salientar que por mais que esses negacionismos sejam facilmente desmentidos, eles ainda possuem um impacto no presente, gerando debates políticos e conspiração acerca de um adversário inimigo (Meinerz, 2023). O discurso analisado de Bolsonaro nesse tópico se encaixa nessa reflexão e é dentro dessa lógica que grupos e líderes da extrema-direita conseguem se estabelecer como um farol a ser seguido.

No dia 02 de abril de 2019, durante uma viagem que Jair Bolsonaro fazia para Tel Aviv em Israel, ele realizou uma visita ao Memorial do Holocausto Yad Vashem. Algumas horas depois, Bolsonaro se encontrou com alguns jornalistas para responder perguntas quando foi questionado se o nazismo era de esquerda.

O objetivo da viagem de Jair Bolsonaro à Israel era firmar alguns acordos de cooperação e, de certa forma, atender também um pedido do seu eleitorado, ao mostrar aproximação com Israel. Durante a viagem, Bolsonaro relembrou sua promessa de campanha de transferir a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém, que traria reconhecimento da cidade de Jerusalém como capital de Israel. Bolsonaro no entanto adiou a mudança, mas avisou que ela viria.

As relações entre Brasil e Israel não passaram a existir a partir do governo de Bolsonaro, mas elas entretanto ganharam uma nova roupagem. Para Izabela Teixeira e Karina Calandrin

(2019) a América Latina teve um papel crucial na década de 1940 ao votarem pela divisão da Palestina em dois Estados. Também por serem próximos e influenciados pelo poder dos Estados Unidos, Israel sempre teve interesse nas relações com os países latino-americanos. Durante o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006) o governo investiu em relações exteriores e se dedicou para se estabelecer como um intermediário dos países do sul global, além de buscar parcerias com o Oriente Médio que pautavam segurança (Herrmann, 2023). Para além disso, ao mesmo tempo que o Brasil buscou se aproximar de Israel estreitando os laços e propondo tratados, o governo brasileiro também apoiou a causa palestina e reconheceu oficialmente em dezembro de 2010 a soberania do Estado Palestino de acordo com as fronteiras de 1967 (Teixeira e Calandrin, 2019).

Durante o governo de Michel Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff, o governo de Donald Trump anunciou que a embaixada dos Estados Unidos seria transferida para Jerusalém. Durante a Assembleia Geral da ONU o Brasil votou contra à decisão do governo americano, o que gerou reações dos evangélicos no Brasil, representados na câmara por deputados evangélicos que criticaram duramente a decisão (Herrmann, 2023). A partir de então “ao procurarem por um candidato que se mostrasse aberto à criação de maiores laços entre Brasil e Israel, sionistas cristãos no Brasil encontraram em Jair Bolsonaro a pessoa para levar adiante suas aspirações” (Herrmann, 2023, p. 83).

Jair Bolsonaro foi percebido enquanto potencial aliado durante a campanha eleitoral da eleição de 2018, ocasionando na vinda de Benjamin Netanyahu¹² (primeiro-ministro de Israel) ao Brasil para a sua posse em janeiro de 2019. Israel chegou a enviar soldados durante a tragédia de Brumadinho para ajudar nas buscas por sobreviventes e Jair Bolsonaro retribuiu com sua viagem à Tel Aviv em março/abril de 2019. É importante perceber esses dois momentos como diplomáticos e reflexo da forte promessa de Jair Bolsonaro da transferência da embaixada para Jerusalém (Herrmann, 2023).

Ainda em Izabela Teixeira e Karina Calandrin (2019) ambas conjecturam que mais do que tecnológico e econômico, os objetivos dessas relações entre Brasil e Israel são também de ordem ideológica, ao mesmo tempo em que membros do governo de Jair Bolsonaro alegavam que a política externa brasileira se concentrava em princípios ideológicos ao se aproximar de países socialistas. Seguindo essa lógica, é possível perceber como o aspecto religioso é muito forte nesse desejo dos grupos neopentecostais brasileiros de aproximação com Israel e a sua

¹² Líder do partido do extrema-direita e sionista *Likud*. Foi primeiro-ministro de Israel em 1996 - 1999, 2009 - 2021 e 2022 até a presente escrita desse trabalho).

relação direta com os objetivos políticos, já que princípios religiosos têm sido de extrema importância para o funcionamento político da extrema-direita (Teixeira e Calandrin, 2019).

Durante essa viagem em abril de 2019 para Tel Aviv, Jair Bolsonaro respondeu da seguinte maneira a indagação do jornalista.

Jornalista: O senhor concorda com o seu chanceler que o nazismo foi um argumento de esquerda?

Presidente: Não há dúvida né, o partido socialista, como é que é? Partido Nacional Socialista da Alemanha, sim.

Apenas para contextualizar melhor essa fala de Jair Bolsonaro, ele recebeu essa indagação do repórter depois que o seu Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, declarou em uma outra entrevista que o nazismo e o fascismo são fenômenos de esquerda. Esse discurso, como podemos observar, não vem apenas de Bolsonaro, já que seus agentes de governo propagaram as mesmas ideias.

No dia 12 de setembro de 1919, Adolf Hitler, participou de um encontro do Partido dos Trabalhadores Alemães enquanto estava disfarçado sob ordens do exército, onde discursou sobre a injustiça do Tratado de Versalhes e seu desejo de uma Alemanha grande e vitoriosa. Ele se filiou ao partido e depois virou uma grande figura presente, até se tornar o líder. As suas investidas contra os judeus e a agitação sobre a necessidade de a Alemanha retomar seu espaço perdido após a Primeira Grande Guerra começaram a chamar cada vez mais atenção, e, com o objetivo de conseguir mais seguidores e filiados o partido mudou de nome em fevereiro de 1920 para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Evans, 2017).

Richard Evans argumenta que, desde o início de sua campanha política, Hitler se declarou adverso ao comunismo, e que esse antagonismo viria a crescer ainda mais em seguida. Entretanto, é verdade que o partido nazista tomou emprestado algumas características ditas socialistas, como a aversão ao capitalismo e ainda assim, seguiu sendo contrário a ideologia socialista, que se baseia na divisão de classes (Evans, 2017).

Para o historiador Eric Hobsbawm, durante os grandes momentos da Grande Depressão na década de 30, os movimentos de esquerda enfraqueceram, o que abriu uma grande margem para a ascensão de movimentos de direita radical, como o nazismo na Alemanha (Hobsbawm, 1994). Segundo Hobsbawm, o partido nazista não somente operava na extrema-direita, como também realizava uma

deliberada adaptação dos símbolos e nomes dos revolucionários sociais, tão óbvia no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores de Hitler, com sua bandeira vermelha (modificada) e sua imediata instituição do Primeiro de Maio dos comunistas como feriado oficial em 1933 (Hobsbawm, 1994, p.97).

Ele está argumentado que muito da propaganda nazista girava em torno de reivindicar para si símbolos e datas com o objetivo de aproximar cada vez mais os trabalhadores da ideologia nazista e do nacionalismo alemão e afastá-los do comunismo. A estratégia era transformar o 01 de maio, antes comemorado pelos trabalhadores socialistas e visto como representação da importância da luta de classe em um feriado nacional agregado ao Terceiro Reich.

A mudança do nome do Partido em 1920 acompanha o mesmo raciocínio. Enquanto ainda estava no começo de sua vida política, Hitler precisava de apoio e filiados ao seu partido, mobilizar a massa de trabalhadores a seu favor e desvirtuá-los do caminho do comunismo era resolver dois problemas de uma vez só. Além disso, Antônio Ruzza também argumenta que

Tanto no Mein Kampf quanto em discursos públicos, Hitler sempre declarou a vontade de destruir o marxismo e o bolchevismo (comunismo russo) (...) (o socialismo) era uma palavra atrativa na época, e Hitler a usou com sucesso para confundir as massas populares (...). Na prática, o dele não era nenhum socialismo para enfrentar a questão social, mas um nacionalismo puro, que seria a cura para a decadência alemã, porque alimentava o revanchismo e o orgulho da “superioridade espiritual e racial” do povo alemão unido em todos os seus estratos, em oposição a todos os outros povos, para conquistar o seu “espaço vital” ao qual supostamente teria direito (Ruzza, 2019, p. 03).

É possível perceber através de Ruzza e Hobsbawm os diferentes usos que Hitler fez da palavra “socialismo”. No final das contas, foi um uso calculado com intenções políticas alinhadas ao contexto da época, uma forma fácil de atrair atenção e que no final das contas deu tão certo que gera severos debates até os dias de hoje. Esse uso calculado também é repetido agora por Jair Bolsonaro, que almeja colocar os comunistas como responsáveis pelas brutalidades cometidas pelo partido nazista, já que se a origem do partido vem do socialismo, então os socialistas são os verdadeiros inimigos e perseguidores dos judeus. A estratégia é ardilosa, uma vez que simultaneamente consegue convencer os interlocutores de extrema-direita e, especialmente sionistas, de que está sensível ao seu massacre, que se opõe aos seus algozes e ao mesmo tempo inclui seus inimigos pessoais (os socialistas/comunistas) como causadores da maior tragédia humanitária daquele povo. Essa lógica empregada permite que, pelo menos enquanto for possível continuar a propagação desse discurso, essa seja a verdade que o bolsonarismo vai acreditar e contar.

O perigo desses discursos é a margem de interpretações que tenta abrir, mas que não são cabíveis dentro de certos aspectos históricos do nazismo. Ao analisar o passado do Partido Nazista, quando ainda era Partidos dos Trabalhadores, é possível compreender as firmes alianças com a extrema-direita e a vontade de acabar, por exemplo, com o marxismo. A

desonestidade ao associar o nazismo a esquerda deixa de ser desonestidade e se torna projeto político. Qual o objetivo de fazer tal associação? Por que afastar a direita do nazismo? Para além de uma leitura histórica incorreta, tem tudo a ver com o contexto atual. Desassociar o nazismo da extrema-direita produz o efeito de que as suas pautas e ideologias relacionadas ao fascismo podem sair ilesas desse debate. “Pode-se considerar esse fenômeno como um negacionismo, pois quando seus ideólogos não conseguem mais negar o Holocausto - ou seja, que de fato ele ocorreu -, a extrema-direita o coloca no “colo” da esquerda” (Meinerz, 2023, p. 36).

Jair Bolsonaro governou durante quatro anos enquanto governo de extrema-direita. Os seus discursos sempre voltados para a ala conservadora reacionária, propagando falas de ódio e mentiras orquestradas que sempre o mantinham no foco dos holofotes. É intrigante pensar como Hitler na década de 20 gostava de todas as manchetes que envolviam os nazistas, mesmo que fosse algo negativo, para ele ainda era propaganda e divulgação. Bolsonaro tem uma estratégia muito parecida, mesmo quando ele está sendo desmentido por especialistas, historiadores, cientistas e sendo retratado como uma ameaça à democracia, ele, assim como Hitler, parece gostar dessa propaganda. “Não importa que os jornais falassem dos nazistas como um bando de baderneiros. O importante era que falassem deles” (Szklarz, 2014, p. 63).

O nazismo, apesar de nunca ter sido implementado no Brasil, é um tema sensível para Jair Bolsonaro e companhia por ter sido um regime totalitário responsável pela morte de milhões de judeus em um genocídio esquematizado, tudo isso organizado pelo Partido Nazista, de extrema-direita. Como no Brasil, a extrema-direita poderia se afastar de um regime tão violento que seguem ideologias tão similares? Como justificar o Holocausto e afastar esse acontecimento da imagem a direita brasileira? Desassocia-lo da direita e imputar para a esquerda parecia ser a solução. Para o historiador Makchwell Narcizo (2021), o governo Bolsonaro se cercou com a ideologia e estética nazista. Isso demonstra o objetivo político claro de associar o nazismo com a esquerda e, dessa maneira, fazer apologia ao regime, já que os crimes de Hitler nada teriam a ver com a extrema-direita. Ele também defende o episódio envolvendo Roberto Alvim como um sinal evidente da composição neonazista do governo Bolsonaro (Narcizo, 2021).

O nazismo se compõe, assim, como um acontecimento de vai e vem no governo de extrema-direita Bolsonaro, em que se declara que esse movimento foi socialista de esquerda, em seguida agentes do governo fazem apologia e o Bolsonaro vem se posicionar contra. As posições de Jair Bolsonaro contra o nazismo não o impediram de se relacionar com as características atuais do nazismo e do fascismo, ele não se declara a favor mas apesar de não

escancarar as suas influências políticas, discursivas e simbólicas nos líderes autoritários do século XX, ele também não se incomoda tanto em ser associado à esses regimes (Narcizo, 2021).

O discurso assimilador entre o nazismo e a esquerda não passa de uma “distorção ideológica” (Fernandes, 2024, p. 12) que busca colocá-los em um mesmo quadro. É de grande importância discutir sobre os impactos dessa confusão estratégica de ideologias e as extensões desse uso para poder se apoderar dos símbolos, discursos e estratégias autoritárias e militares nazifascistas.

É de válida contribuição salientar que Bolsonaro não assumiu publicamente, em ocasião alguma, compromisso com o nazismo ou fascismo. Ele, no entanto, se cercou de pessoas durante seu governo que tinham ideias totalmente equivocadas do que seria o nazismo e constantemente o confundiam com movimento de ideologias de esquerda, como o seu próprio Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo o fez, ainda sendo endossado por Bolsonaro. Para além disso, não foram poucas vezes que pessoas próximas cometeram atos que rememoravam ou comemoravam o nazismo de alguma forma. Dessa maneira, cabe considerar que, de acordo com Makchwell, as extremas direitas contemporâneas tem base na extrema-direita histórica, sendo uma delas os próprios grupos endossadores do nazifascismo (Narcizo, 2019). Assim, é possível manter o entendimento de que esses movimentos não somente estão em uma linha tênue como também se encontram e se protegem.

Em 08 de fevereiro de 2022, uma fala durante o programa de podcast Flow no Youtube gerou debates e repercutiu ao ponto de Jair Bolsonaro, presidente durante o período, tivesse que se posicionar. Bruno Aiub, conhecido como Monark, era um dos âncoras do programa e estava entrevistando a deputada Tabata Amaral e o deputado Kim Kataguiri em transmissão ao vivo quando defendeu que o Brasil deveria ter um Partido Nazista oficializado e que quem quisesse ser antijudeu tem o direito de ser¹³. O caso repercutiu no Brasil inteiro e foi extremamente criticado por historiadores, pesquisadores e pelo MPF, além de gerar ações de repúdio por parte de entidades judias que relembrou as consequências da soberania nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Debates relacionados à liberdade de expressão e direito de opinião explodiram em todas as redes sociais. Envolvido em polêmicas relacionadas à alusões nazistas, Jair Bolsonaro foi ao Facebook contestar a tese de Bruno Aiub.



Jair Messias Bolsonaro · Seguir

9 de fev. de 2022 ·

- A ideologia nazista deve ser repudiada de forma irrestrita e permanente, sem ressalvas que permitam seu florescimento, assim como toda e QUALQUER ideologia totalitária que coloque em risco os direitos fundamentais dos povos e dos indivíduos, como o direito à vida e à liberdade.

- É de nosso desejo, inclusive, que outras organizações que promovem ideologias que pregam o antissemitismo, a divisão de pessoas em raças ou classes, e que também dizimaram milhões de inocentes ao redor do mundo, como o Comunismo, sejam alcançadas e combatidas por nossas leis.

- O fato de uma ideologia repugnante como a nazista ter destruído milhões de vidas exige que tenhamos extrema responsabilidade e seriedade na hora de tratar do tema, não deixando espaço para a calúnia, a difamação e a sua banalização. Não se combate uma injustiça com injustiças.

- Importante lembrar que existem ainda aqueles que, na busca implacável pelo poder, banalizam essa página triste da história da humanidade e instrumentalizam a sensibilidade humana para praticar exatamente aquilo que dizem combater, assassinando reputações e destruindo pessoas.

- Assim, reitero todo nosso apoio ao povo judeu, que hoje sofre não só com as cicatrizes deixadas pela história, mas também com o desrespeito daqueles que banalizam um assunto tão grave, rotulando tudo e todos na ânsia de conquistar ainda mais poder e controle sobre as pessoas.

Facebook, 09 de fevereiro de 2022.

¹³ Mais detalhes do caso: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/monark-e-desligado-do-flow-podcast-apos-defender-existencia-de-partido-nazista/>.

- Tenho muito orgulho de ser o presidente que mais aproximou o nosso país dos judeus, seja intensificando as relações bilaterais com Israel, seja apoiando iniciativas importantes, como a Aliança Internacional de Memória do Holocausto (IHRA), na qual ingressamos em meu governo.

- E a quem realmente insiste em defender a divisão de pessoas por raça/etnia, o controle total pelo Estado, a violação de liberdades, que são premissas do nazismo; bem como a quem, num desrespeito cruel ao povo judeu, banaliza um fato grave para promoção política, fica a lição:

- Somos um povo maravilhoso, acolhedor. Repito: em uma família brasileira há mais diversidade do que em qualquer nação no mundo. O Brasil nunca terá solo fértil para o totalitarismo porque o amor pela liberdade corre em nossas veias. Quem deseja o contrário está do lado errado.

- Que o momento seja de reflexão, de amadurecimento, a respeito de qual ambiente queremos criar para o Brasil. Tenhamos todos mais juízo e responsabilidade. Precisamos continuar trabalhando pelo futuro de nossa nação.

- Boa Noite a Todos!

- PR Jair Messias Bolsonaro.

Facebook, continuação. 02 de fevereiro de 2022.

Em um primeiro momento, Bolsonaro repudia a ideologia nazista e qualquer ideologia totalitária. A sua posição oficial é ser contra esse movimento e pede “responsabilidade e seriedade na hora de tratar do tema”. Essa não foi, entretanto, a ação prática de Jair Bolsonaro durante seu governo frente às acusações de associação e alusão ao nazismo. Ademais, ele sempre insere no debate o comunismo e a esquerda ao falar desse assunto, pois gera uma grande comoção em alguns dos seus seguidores a sua desaprovação do comunismo, assim postos como inimigos do bolsonarismo. A sua associação com o comunismo também tenta igualar esse movimento ao nazismo, o que não é novidade no seu governo, pois em 2019 ele já tinha declarada a sua posição sobre o nazismo ser de esquerda em Tel Aviv. Essa é a maneira que Jair Bolsonaro vai contra um fato histórico estabelecido por pesquisas, relatos e documentos: ele não nega o acontecimento, as mortes ou o holocausto, ele responsabiliza um outro movimento e assim se liberta para repetir ações, discursos e simbologias da extrema-direita que remetem ao fascismo e ao nazismo. Jair Bolsonaro ainda aproveitou a oportunidade para vangloriar sua aproximação com Israel, que nada mais significou do que dois governos liderados pela

extrema-direita que se beneficiaram mutualmente com acordos e com as bençãos dos Estados Unidos.

Durante seu governo, alguns agentes da gestão de Jair Bolsonaro, inclusive ele mesmo, se viram em situações de acusação de alusão ao nazismo. Essa é, entretanto, uma acusação muito grave, teriam elas algum tipo de fundamento? Algumas chamaram bastante atenção e merecem destaque.

Um primeiro acontecimento foi o discurso do até então Secretário Especial da Cultura do governo de Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, que estava no cargo desde novembro de 2019. Na referida ocasião, o secretário gravou um pronunciamento para promover o Prêmio Nacional das Artes e afirmar seu comprometimento, suas expectativas alinhadas ao governo durante a sua atuação e criar “uma cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude” (Alvim, 2020, 0:33). Alguns aspectos do vídeo não passaram despercebidos e rapidamente causaram grande comoção nas redes sociais: a composição do cenário era similar à uma fotografia de Joseph Goebbels, ex-ministro da propaganda de Hitler – a montagem é a mesma, o ex-ministro se encontra centralizado na imagem sentado à frente de uma mesa enquanto um quadro com uma foto de Hitler repousa logo atrás. Alvim replicou essa imagem – sentado frente à mesa com um quadro com a fotografia de Jair Bolsonaro logo atrás. Ele ainda acrescentou alguns outros elementos como uma bandeira do Brasil ao seu lado e uma Cruz de Lorena, trazendo a simbologia cristã, muito presente no governo bolsonarista. A música escolhida para tocar no fundo do pronunciamento foi um prelúdio de *Lohengrin*, uma composição de Richard Wagner, maestro germânico oitocentista que era muito admirado por Hitler. Para além de todas essas semelhanças e alusões, Alvim ainda parafraseou uma fala do ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels durante um evento com diretores de teatro no Kaiserhof na Alemanha em maio de 1933: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada” (Longerich, 2010, p. 228).

Durante sua fala, Roberto Alvim profere:

"A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada"(Alvim, 2020, 1:51-2:11).

A semelhança com o discurso de Gobbels fez com que Marcos Alexandre Rodrigues e Kelli Machado da Rosa (2021) concluíssem que “escamoteiam-se as intenções desse locutor em criar um projeto cultural semelhante ao nazista, nesse caso, de exclusão da pluralidade da

vida cultural”(Rodrigues; Rosa, 2021, p. 138). Eles ainda afirmam que é possível perceber no pronunciamento duas vozes bivocalmente fundidas, a de Roberto Alvim e a de Gobbels. Essas analogias não foram vistas como coincidências ou acidentes, e sim ações propositais para aludir o ex-ministro de Hitler e comparar as estimativas que ambos os governos tinham. Para Paulo Victor Arouche Costa Leite e Ingrid Pereira de Assis (2022) em seu trabalho sobre o discurso de Roberto Alvim, é necessário compreender que essa ideia de arte nacional se volta para rememorar valores atrelados à família patriarcal tradicional, que não investe no multiculturalismo brasileiro e nem se volta para toda a população, onde a estética valorizada se apoia na pátria, na família e nos costumes tradicionais. Essa lógica exposta é muito comum no bolsonarismo. Depois da repercussão do caso, Roberto Alvim foi exonerado no cargo, não tão provável pela não identificação do governo Bolsonaro com as suas ações, mas pela pressão feita para que isso ocorresse.

Em continuidade do seu objetivo de estreitar relações com a extrema-direita internacional, Jair Bolsonaro recebeu em julho de 2021 a vice-presidente do partido da Alemanha “Alternativa para Alemanha” (AfD) Beatrix Von Storch, neta do ex-ministro das finanças de Adolf Hitler, Lutz Graf Schwerin von Krosigk. A reunião não constava na agenda oficial do presidente e o Palácio do Planalto não informou a pauta do encontro, que foi descoberto quando Storch postou fotos em seu Instagram agradecendo o presidente (Mazui, 2021).

Esses movimentos e encontros, a aproximação com Donald Trump, André Ventura, Benjamin Netanyahu, Beatrix Storch e a entrada do Brasil no Foro de Berlim durante seu mandato pareciam ter como objetivo transpor Jair Bolsonaro como um nome forte da extrema-direita para outros líderes internacionais. Essa movimentação, aliada aos seus discursos negacionistas e contras as minorias e diversidades, suas teorias da conspiração e exaltação do autoritarismo transformaram o Brasil em um espaço propenso para o florescimento do neonazismo e tiraram da clandestinidade grupos que antes não tinham coragem de expor para a sociedade seus pensamentos, até eles serem defendidos por Bolsonaro (Santos e Vaz, 2024).

A defesa da moral e dos costumes que Bolsonaro e alguns dos seus seguidores tanto prezam, os seus discursos violentos contra as minorias, as constantes referências ao regime nazista e as recorrentes ofensas aos Direitos Humanos parecem sempre empurrar essa ideologia de extrema-direita cada vez mais perto do neonazifascismo. Essa necessidade de se distanciar desse acontecimento e atrelar de formar errônea à esquerda parece uma tentativa de continuar

admirando a ideologia nazista sem querer se responsabilizar por tal associação, como o uso do lema “Deus, Pátria e Família” que foi apropriado do Movimento Integralista Brasileiro¹⁴.

¹⁴ A Ação Integralista Brasileira foi fundada em 1932 por Plínio Salgado como resultado da expansão das ideias radicais da direita. Foi um movimento fascista que pregava o anticomunismo, o nacionalismo e exaltava Mussolini e o fascismo italiano (Bertonha, 2001).

3. DISCURSO DOS SEGUIDORES SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Essas narrativas sobre a ditadura civil-militar brasileira não surgiram a partir das falas de Jair Bolsonaro, ele não foi o primeiro a questionar veracidade de dados e negar mortes e desaparecimentos. Entretanto, essas narrativas foram apropriadas e disseminadas sob a justificativa de liberdade de expressão. É significativo perceber que o entendimento do cenário tem uma contribuição muito importante na reverberação desses discursos e é nesse quadro que eles fazem sentido, por isso é necessário pensar também a condição de possibilidade (Foucault, 1996) que permitem a produção desses discursos. Jair Bolsonaro se impõe como a figura que irá trazer para os brasileiros a possibilidade de proferir as opiniões que antes não eram aceitáveis. Ele, que não tem receio ou papas na língua para opinar sobre os assuntos mais polêmico, assegura que a população conservadora consiga em êxtase fazer o mesmo, seja em churrascos de família, seja nas redes sociais.

Depois dos eventos de manifestação nas ruas em 2013, a direita se aproveita de um contexto de angústia e aflição com o governo vigente para promover e defender suas pautas nas redes (Beer *et al.*, 2024). Jair Bolsonaro, enquanto candidato à presidência, atuou ativamente em redes sociais como *Twitter* e *Facebook* promovendo muito ataques aos adversários e fazendo inúmeras postagens todos os dias, sintetizando cada vez mais a imagética do “cidadão de bem” a partir dos perfis dos apoiadores (Beer *et al.*, 2024). Essa estratégia demonstra como a direita conseguiu reafirmar na internet o tipo idealizado de cidadão patriota, afim de que essas pessoas não somente se identificassem com esse ideal, mas que desdenhassem dos que não se encaixam nessa comunidade. Os sobreviventes da ditadura-civil militar, por não aceitarem a retórica do golpe e clamarem por justiça, não entram nesse ideal. Os esquerdistas, intelectuais e historiadores que abominam as versões negacionistas da história promovidas pelo bolsonarismo também não são bem-vindos em seus meios.

Por isso, buscamos também o que alguns de seus seguidores e eleitores estavam comentando nas redes, para compreender de que forma um vai sustentando o argumento do outro, buscando entender as rarefações do discurso (Foucault, 1996). As redes sociais aproximam o público do político e ajudam a moldar a personificação do personagem as demandas de sua comunidade (Silva, 2020).

Trabalhar com a História do Tempo Presente é se deparar com debates historiográficos acerca de sua definição, métodos, fontes e recorte de análise (Delacroix, 2018). Fazer uma análise a partir da HTP utilizando as redes sociais como fonte é entrar em outro debate, já que as redes sociais, mesmo caracterizando um grande espaço público para publicação de opiniões

e discursos e se mostrando rica para percepção de diversos setores da sociedade, ainda é um local que os historiadores não adentram afundo e se mostram relutantes em utiliza-las como suas fontes de pesquisa (Almeida, 2011).

Para Denise Frigo (2022), devido grande número de pessoas conectadas nas mídias sociais e na internet, e as possibilidades de abordar novas histórias e perspectivas, se faz necessário que os historiadores reflitam e considerem o legado digital como possibilidade. Considerando a importância que o mundo digital teve na propagação de discursos de ódio, disseminação de negacionismos históricos e pautas da extrema-direita (Maia, 2023), fez-se pertinente incluir na pesquisa uma análise de fontes vindas das redes sociais.

Com relação ao método utilizado nessas pesquisas, Fábio Almeida (2011) ainda argumenta que o baixo índice de pesquisas dentro das mídias e redes sociais complicam a instauração de um método científico que auxilie o historiador em suas análises, já que ele pode ser definido a partir dos erros e acertos em uma coletânea de pesquisas. Este não é, entretanto, um empecilho para que as pesquisas nas redes sociais aconteçam, pois elas podem seguir um método que explicita ao leitor de que forma as fontes foram selecionadas.

Os comentários selecionados podem ser diretamente associados com as fontes de discursos de Jair Bolsonaro, já que tais comentários foram estimulados por alguma aparição e fala dessa figura, ou também há a possibilidade de alguns desses perfis serem criações de máquina de propaganda bolsonarista, que sabiamente contratou uma série de *farms* virtuais para divulgar o bolsonarismo e as principais *fake news* no interior das redes sociais, já que com isso ganhavam anonimato e não se comprometiam judicialmente. A princípio, o objetivo era encontrar postagens desses perfis bolsonaristas, mas ao perceber que muitos não fazem postagens nas próprias redes e sim deixam comentários em publicações que apoiam ou discordam, a busca foi redirecionada para esse rumo.

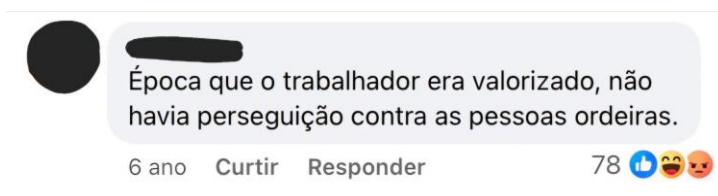
Esses comentários foram selecionados visando um dos objetivos da pesquisa: entender os impactos do negacionismo histórico no discurso de Jair Bolsonaro. Portanto, para perceber como essa narrativa acerca de acontecimentos históricos se deu na fala de alguns de seus seguidores, estipulou-se que os comentários que entrariam seriam os que mais se assemelhassem com as falas de Jair Bolsonaro ou os que fossem até mesmo mais exagerados, para perceber a influência e o estímulo que Jair Bolsonaro e seus discursos têm em alguns de seus seguidores no Facebook.

Esse primeiro comentário foi feito pelo usuário J. S. em uma publicação da BBC News Brasil que traz um artigo que se chama “55 anos do golpe militar: os integrantes da equipe de Bolsonaro ‘subversivos’ e ‘infiltrados comunistas’ pela ditadura”. O texto não é muito grande,

mas traz um levantamento da BBC News sobre alguns companheiros de Jair Bolsonaro em sua campanha que durante a ditadura civil-militar (1964-1985) foram vigiados ou investigados pelo SNI¹⁵. Alguns dos citados são Paulo Guedes, Antônio Flávio Testa, Carlos Doellinger, Ricardo Vélez Rodríguez e Augusto Heleno.

Antônio Flávio Testa é cientista político e professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB), além de assessor técnico do Senado Federal. Antes mesmo do começo da campanha oficial, colaborou com o grupo de militares e especialistas responsáveis por formular propostas para Jair Bolsonaro (...). Na década de 1970, porém, Testa era estudante de graduação da UnB - e envolvido com o movimento estudantil da época. Por isso, foi alvo de vigilância constante da Assessoria de Segurança e Informações (ASI) da UnB, que era o braço do SNI dentro da universidade (Shalders, 2018).

Os dois comentários apresentados aqui, entretanto, não abordam especificamente o tema do artigo da acusação de subversão sobre pessoas próximas à Bolsonaro durante a ditadura, e nem mesmo outros comentários desse mesmo post abordam esse tema. Os comentários se limitam somente à ditadura civil-militar, o que pode significar que os eleitores e apoiadores sequer leem os artigos das publicações nas quais eles comentam, o título do artigo e a legenda chamam a atenção, que é o suficiente para a manifestação bolsonarista nos comentários.



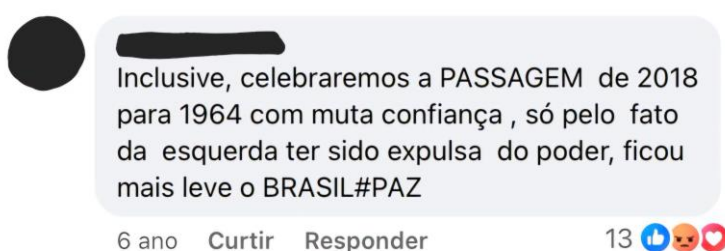
Facebook, 15 de dezembro de 2018.

É interessante como para J. S. o regime ditatorial foi bom para o trabalhador quando na realidade, muitos presos políticos e torturados eram trabalhadores sindicais, sem vínculos com partidos ou movimentos contrários à ditadura civil-militar, que apenas lutavam por melhores condições de trabalho e contra abusos, que já ocorriam desde antes do golpe. É preciso fazer uma ressalva, a partir desse comentário, sobre como alguns dos seguidores de Bolsonaro compram e endossam a sua fala sobre a divisão do país em duas categorias, o patriota e o inimigo. O exemplo aqui citado é o do trabalhador comparado a pessoas ordeiras, facilitando a percepção de que para alguns seguidores de Bolsonaro, aqueles que não fazem parte de uma minoria e que não são comunistas recebem atribuições positivas, como “trabalhador, patriota,

¹⁵ O Serviço Nacional de Informações tinha por finalidade superintender e coordenar, em todo território nacional, as atividades de informação e contra informação, em particular as que interessem à Segurança Nacional. Leia mais em: <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>. E <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/imagens-e-documentos-do-periodo-de-1964-1985/servico-nacional-de-informacoes-sni>.

cidadão do bem, ordeiro” enquanto o outro, inimigo e comunista é atribuído os nomes de “bandido, subversivo”. Essa lógica é a mesma que Bolsonaro incita em suas falas na entrevista ao Programa Roda Viva, existe uma diferenciação do que foi a ditadura para os trabalhadores do bem, que não foram torturados ou perseguidos tendo em vista que não fizeram nada para merecer. Para Bruna Oliveira e Rousiely Maia (2021) em seu artigo sobre as manifestações bolsonarista no Facebook durante a eleição de 2018, esse modelo de cidadão ideal é valorizado pois, reafirma uma importância desse grupo, em que outros podem participar contando que se encaixem nesse molde estabelecido.

Ainda nessa mesma publicação da BBC News Brasil, tivemos o seguinte comentário.



Facebook, 15 de dezembro de 2018

O comentário de E. M. evidencia o seu desejo de retorno aos tempos da ditadura civil-militar. Em “celebraremos a passagem de 2018 para 1964” ele mostra a sua visão do que esperar do governo de Jair Bolsonaro, que é uma grande proximidade com o regime militar. Essa positividade atrelada à associação entre um período que estava por vir e um que já passou foi muito estimulada pelo próprio Bolsonaro, tendo em vista as suas investidas elogiando o período, fazendo referência a ser uma época de progresso e defesa do brasileiro patriota e tratando militares torturadores como ídolos heróis que mereciam mais reconhecimento por terem salvado o Brasil. Essas insinuações todas foram muito importantes para chamar atenção do eleitorado que compartilhava dessas ideias, para que eles pudessem ver que Jair Bolsonaro iria realizar esse papel de livrar o Brasil da esquerda, assim como os militares fizeram em 1964. Então, esse emprego de aspectos históricos sobre a ditadura civil-militar contados à sua maneira trouxe um grande apoio popular, baseado no imaginário que a população tem sobre o regime ditatorial.

O historiador Odilon Caldeira Neto (2009) defende que o uso político da memória tende a gerar maior aglutinação e assimilação, aumentando a sua capacidade de força motor para garantir a unidade de um grupo. Podemos perceber, dessa maneira, que Jair Bolsonaro conseguia consolidar cada vez mais o seu grupo de apoiadores (como E.M) toda vez que ele promovia discursos negacionistas sobre o período da ditadura, pois, ele relembra dessa maneira

que a memória compartilhada entre alguns bolsonaristas não somente é a mesma, como também é contrária à memória dos opositores do regime.

Em seu comentário, E.M deixa perpassar um ressentimento com esquerda brasileira, muito compartilhado entre alguns dos bolsonaristas e endossado pelo próprio Bolsonaro. Para a intelectual Maria Rita Kehl, sobre o ressentimento

Sua face mais nefasta é a que promove a adesão dos indivíduos a sistemas totalitários, na esperança de que a adesão e a participação nas tarefas exigidas pela máquina do poder os fortaleça e lhes garanta a segurança de um sentimento de identidade pelo pertencimento a um sistema forte (Kehl, 2020, p. 202).

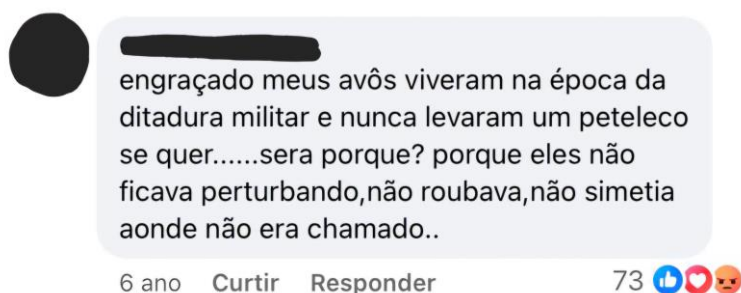
O ressentimento, dessa maneira, é algo compartilhado tanto pelo “mito” quanto por seus apoiadores. O apelo pelo retorno da ditadura é também uma maneira de desejar participação no regime autoritário e repressivo. É querer no poder alguém que possa vingar e reparar os muitos anos de ressentimento que essas comunidades carregam e poder, de alguma forma se inserir nessa realidade, contribuindo para salvar o Brasil e homenagear os heróis do passado (que nessa lógica, são os militares).

A seguir, inserimos dois prints de comentários que são uma reação a uma publicação do Deputado Federal David Miranda do Partido Democrático Trabalhista. No post, ele compartilha um trecho em vídeo de uma matéria do Jornal Nacional sobre a fala de Jair Bolsonaro enaltecendo Carlos Brilhante Ustra e as ações desse militar durante a ditadura. Esses seguidores lotam a sessão de comentários com falas que antes já foram produzidas por Bolsonaro e defendem o seu candidato dos ataques da esquerda. No vídeo da matéria do Jornal Nacional, é mostrado a fala de Jair Bolsonaro durante a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff clamando o Carlos Alberto Brilhante Ustra e uma breve recapitulação da participação de Ustra na ditadura civil-militar. A matéria também apresenta o relato de três sobreviventes das torturas

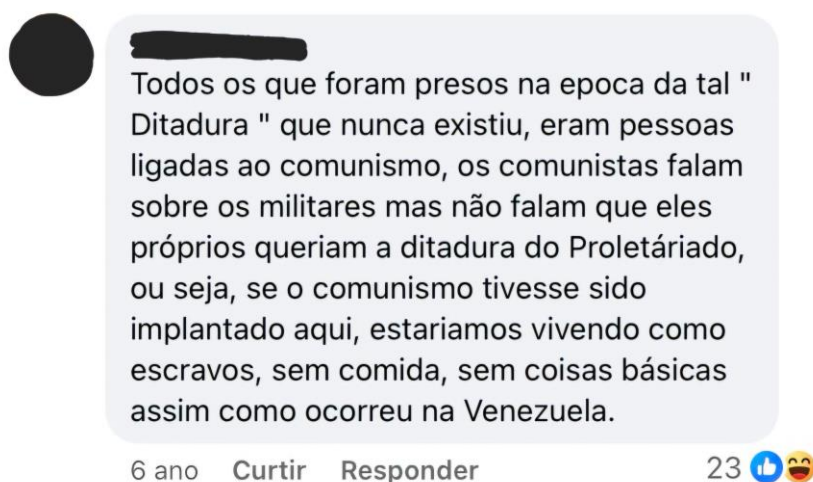


realizadas por Brilhante Ustra no DOI-CODI de São Paulo, mostrando o perfil do militar exaltado por Bolsonaro e os impactos das suas ações na ditadura. Em sua publicação, David Miranda instiga que Jair Bolsonaro idolatra Brilhante Ustra, que pela matéria do Jornal Nacional, não deixa dúvidas de que ele foi um torturador responsável pelo desaparecimento de diversas pessoas e que morreu sem ser penalizado pelos seus crimes contra a população.

Facebook, 13 de setembro de 2018..



Facebook, 13 de setembro de 2018.



Facebook, 13 de setembro de 2018.

O primeiro comentário de G. M. é um reflexo de um dos discursos mais difundidos sobre a ditadura, o famoso mantra: com meu avô não foi assim. Esse debate entra no campo das memórias que são utilizadas como justificativa para se impor em uma disputa de narrativa e desacreditizar fatos históricos comprovados, são as chamadas “batalhas de memória” (Pollack, 1989, p. 03). Esses conflitos perpassam entre grandes comunidades e minorias. Essas memórias são utilizadas como um elo que interliga membros de um grupo coletivo e intensifica a adesão que as pessoas têm naquela comunidade (Pollack, 1989). Logo, é possível perceber através dessa reflexão de Michel Pollack que alguns bolsonaristas utilizam essa narrativa da memória da ditadura civil-militar para definir bem os limites de participação dentro desse agrupamento.

É interessante que, essas memórias mobilizadas nem sempre foram vividas pelos indivíduos que as manifestam. Como G. M. mesmo traz seus avós para sua argumentação, é provável que ele próprio não tenha vivido esse período e se apropria de memórias de parentes próximos para utilizá-las como uma verdade unilateral e entrar nessa disputa de narrativa.

Essa batalha de memória sobre a ditadura ocorre a partir da polarização de um lado que sofreu torturas e perseguição durante o regime e que luta com as suas memórias pela penalização dos responsáveis e reconhecimento do Estado acerca dos horrores do período, buscando algum tipo de reparação. O outro lado (aqui podemos associar aos bolsonaristas) também se utiliza de memórias, geralmente de pessoas que não foram perseguidas pelo regime ou que sofreram suas consequências de forma indireta e que não associam à ditadura, para se opor aos militantes, estudantes, trabalhadores e tentar subjugar suas vivências e experiências. Além disso, eles buscam a partir dessas memórias clamadas, heroizar os militares e difamar os perseguidos, ditos comunistas. Esse entendimento de acontecimentos históricos a partir de memórias individuais e coletivas gera um grande debate mnemônico, mas é possível entender de que forma essas disputas ocorrem por meio das memórias no Brasil polarizado de 2018 – 2022.

O segundo comentário de V. C. (assim como o de G. M.) insinua que existia um modelo característico de pessoas perseguidas pelo regime, que para ele, não foi ditatorial. Entretanto, esse cenário de que apenas opositores políticos foram perseguidos e torturados não bate com os muitos relatos de sobreviventes. Além disso, mesmo que sua fala estivesse correta, já representaria crime de Estado uma vez que não é permitido a um regime político perseguir seus opositores, apenas essa afirmação já garante que o regime em questão não seria democrático. Para além disso, é possível perceber a partir do perfil de V. C. e G. M. que ambos são apoiadores e seguidores das principais páginas de notícias de Bolsonaro desde 2018, período de campanha para eleição, e também utilizam suas páginas no Facebook para compartilhar memes e imagens sobre política, principalmente críticas a Luís Inácio Lula, na época ex-presidente do Brasil. É interessante englobar que essas narrativas negacionistas discursadas por Bolsonaro e defendidas por alguns de seus apoiadores não tem como objetivo promover uma argumentação e debate, e sim defender a deslegitimação de fatos históricos (Beer *et al.*, 2024).

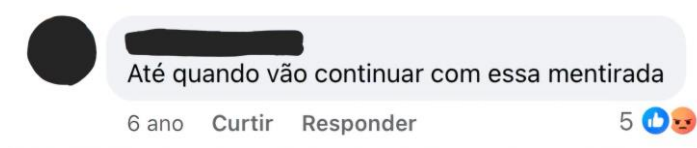
A partir do perfil de V. C. e de suas fotos pessoais, podemos suspeitar que ele não tem idade suficiente para ter vivido o regime ditatorial (1964-1985), talvez tenha nascido no final desse período, mas ainda assim seria jovem demais para conviver no contexto social em que se referia. Portanto, o entendimento desse acontecimento histórico sobre tentativa de implantação do comunismo para justificativa do golpe e não existência de uma ditadura civil-militar não são

reflexos de suas vivências reais e sim repetição de narrativa escutada em algum lugar, como na família e no culto, e validada oficialmente pelo candidato que ele se identifica e passa a apoiar.

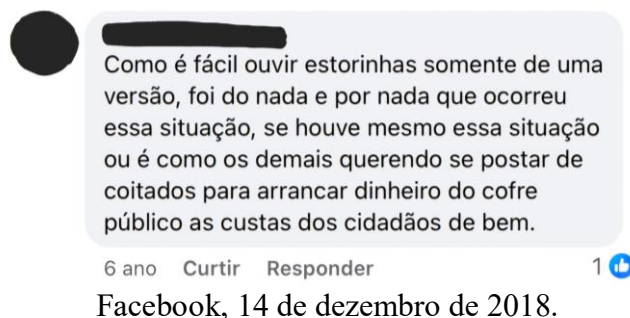
Os próximos dois comentários foram feitos na publicação da professora Rosa Neide em 14 de dezembro de 2018 sobre as torturas cometidas por Carlos Alberto Brilhante Ustra. Na publicação, ela compartilha um vídeo que contém um relato da sobrevivente Maria Amélia de Almeida Teles, que relata que foi torturada por Ustra na frente dos seus filhos de 4 e 5 anos de idade, além de também ter outros membros da família presos e torturados, a própria irmã e o marido. Ela relata alguns detalhes da tortura durante os 45 dias que ficou presa e os danos físicos após as sessões.



Facebook, 14 de dezembro de 2018.



Facebook, 14 de dezembro de 2018.



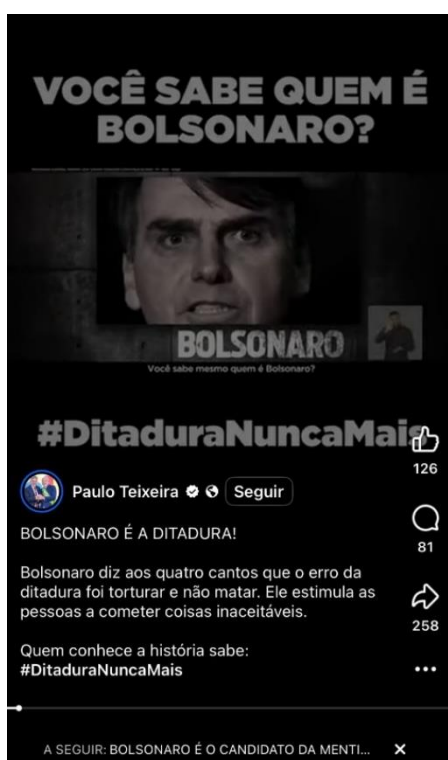
O primeiro comentário de S. D. se refere às torturas cometidas por Ustra durante a ditadura civil-militar. O relato de Maria Amélia não parece comover. A generalização dessas falas desacreditando relatos compartilhados de tortura é importante dentro dessa lógica pois é preciso chegar em mais apoiadores políticos de Bolsonaro em potencial, que possam estar dispostos a endossar suas falas e a continuar a rede de perpetuação sobre esses acontecimentos históricos. Além disso, os apoiadores e eleitores que fazem parte da manutenção dessas narrativas já tem uma noção estabelecida sobre essa perspectiva histórica, eles concordam e a partir do reconhecimento com o líder e com o grupo se sentem confortáveis para participar da exposição desses entendimentos à sociedade. Então se Jair Bolsonaro aparece no Roda Viva dizendo que Carlos Alberto Brilhante Ustra é alguém que não fez nada de errado e ainda o exalta como um ser inspirador, alguns dos seus seguidores tendem a defendê-lo da mesma maneira. Freud reconhecia essa ligação entre o líder e as massas como uma *Identificação* “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 2011, p. 46). Essa ligação afetiva no bolsonarismo são as características que unem, dão sentimento de pertencimento e que estabelecem um inimigo em comum. O líder carrega todos esses aspectos e espelha na sociedade as vontades da massa que o segue.

Já suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder (Freud, 2011, p.50).

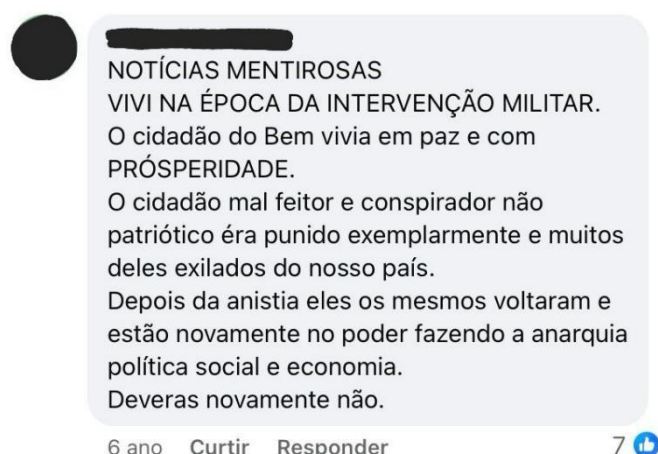
O segundo comentário de G. S. reflete diretamente os discursos de Jair Bolsonaro, de que não houve tais torturas e assassinatos e de que na verdade é um grande coitadismo para conseguir indenizações do Estado, muito semelhante ao trecho da entrevista de Jair Bolsonaro ao Roda Viva (Roda Viva, 2018). É necessário refletir sobre essa compreensão do período ditatorial que está explícita nesses comentários. Assim como Jair Bolsonaro nega torturas e assassinatos de certas personalidades, como Dilma Rousseff e Vladimir Herzog e acaba, dessa

forma, desacreditando em todos os outros relatos de crimes, o mesmo acontece com alguns dos seus seguidores. Eles seguem a mesma linha de raciocínio de exposição do que eles entendem da ditadura, e assim, ao negar o assassinato de Herzog, estão similarmente questionando a veracidade dos outros relatos de vítimas. Isso pois, eles veem os afetados pelo regime ditatorial como “os outros”, que não são defensores da pátria e não se encaixam dentro da sua própria definição de cidadão do bem, promovendo ainda mais essa sociedade dividida e polarizada, associando Direitos Humanos aos esquerdistas e justificando os crimes dos militares. É interessante como, em casos de torturas, a postura oficial é insinuar que foi merecido, já que os alvos seriam os subversivos do sistema, mas quando o assunto é assassinato (que não tem como relativizar) a tática é negar que a ação partiu dos militares, como novamente no caso do Vladimir Herzog, a teoria infundada do suicídio permanece como sendo a oficial dentro dessa lógica bolsonarista da direita.

O próximo comentário foi deixado em uma publicação do político Paulo Teixeira em 16 de outubro de 2018. Em seu post, Teixeira publica “Bolsonaro é a ditadura!” e compartilha uma propaganda que afirma que Jair Bolsonaro utilizou fake news em sua campanha, além de mostrar vinculações de Bolsonaro com a ditadura, como suas homenagens ao coronel Brilhante Ustra e suas falas (antigas) dizendo ser a favor da tortura. No vídeo, também é mostrado atos de violência de alguns bolsonaristas. Esse post não teve tantos comentários (apenas 80) mas um em particular chama muita atenção pela forte semelhança com falas de Jair Bolsonaro.



Facebook, 16 de outubro de 2018.



Facebook, 16 de outubro de 2018

Primeiro, a associação entre os que eram punidos durante a ditadura militar e o *outro* que atualmente é antagonista ao bolsonarismo: eles são as mesmas pessoas e/ou se encaixam no mesmo grupo. Por isso esse discurso de ódio pesado contra as vítimas da ditadura, alguns bolsonaristas enxergam nessas pessoas os inimigos que eles supostamente tem hoje e que precisam ser derrotados. Perceba em “o cidadão de bem...o cidadão mal feitor e conspirador” são as mesmas palavras utilizadas por Jair Bolsonaro para dar gancho a essa disputa. Em sua página no Facebook, L.C.M, autor do comentário, se mostra um grande apoiador de Bolsonaro, compartilhando ideais que compactuam com os valores e convicções propagados por Jair Bolsonaro.

O entendimento de ditadura desse grupo de apoiadores de Bolsonaro da extrema-direita perpassa pela nostalgia e repulsa aos perseguidos: eles almejam a volta desse período e veem em Jair Bolsonaro alguém que pode colocar o Brasil nos eixos, assim como os militares fizeram em 1964. A insistência em difamar os mortos e sobreviventes dos horrores do regime é similar ao ódio direcionado às minorias e aos esquerdistas do seu contexto. O bolsonarismo coloca esses grupos, que não são necessariamente iguais, em uma mesma lógica, a do inimigo que precisa ser combatido.

3.1 DISCURSO DOS SEGUIDORES SOBRE O NAZISMO

Os primeiros comentários aqui analisados foram publicados na postagem da página UOL Notícias em 02 de abril de 2019 sobre a fala de Jair Bolsonaro acerca do nazismo ser de esquerda em sua visita à Tel Aviv. A postagem inclui um artigo da UOL que apresenta fotos da passagem de Bolsonaro em Tel Aviv e explica que Jair Bolsonaro “endossou a posição de seu chanceler, Ernesto Araújo, e afirmou que o nazismo foi um movimento de esquerda” (Montesanti e Marchao, 2019). O artigo também aborda como Bolsonaro vai contra um consenso historiográfico de o nazismo ser de direita. Além disso, também é abordado o estreitamento de relações entre Brasil e Israel via Jair Bolsonaro e Benjamin Netanyahu.



Facebook, 02 de abril de 2019.

O primeiro usuário M. S. não somente associa o nazismo à esquerda como comete a gafe de comparar com dois partidos brasileiros da época atual: o Partido dos Trabalhadores e o Partido Socialismo e Liberdade. Para além de ser um trocadilho com os nomes, já que o partido nazista tinha tanto trabalhadores quanto socialismo, é uma tentativa de comparar a esquerda brasileira (esses partidos em específico) com o partido nazista e não somente isso, mas afastar a direita e os seus discursos de ódio do nazismo. Em sua página, M. S. compartilha muitos posts relacionados à religião e ao anticomunismo, o que sugere um perfil compatível com o conservadorismo de alguns seguidores de Jair Bolsonaro que aderem a suas narrativas



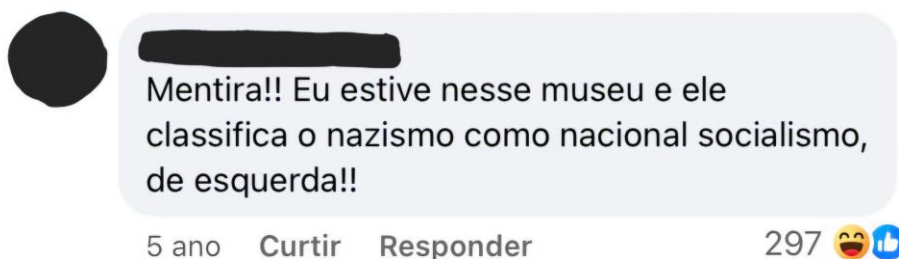
Facebook, 08 de janeiro de 2024.

O entendimento do motivo do partido nazista se chamar Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães não é disseminado entre a direita. Mas é fundamental compreender que não é porque algo não é dito, que as pessoas não sabem, já que manter a postura desse discurso do nazismo de esquerda é parte dessa conjuntura (que parece se repetir como em 1920) de ligar a esquerda a algo ruim que precisa ser combatido. Hitler dizia que os judeus tinham ligações com os movimentos comunistas e alguns bolsonaristas dizem, assim como Jair Bolsonaro, que o nazismo é de esquerda. Essa é uma reflexão do alcance dos discursos de Bolsonaro e da sua capacidade de vender as suas ideias, tendo em vista que elas são defendidas a todo custo e repetidas sistematicamente da mesma maneira, atestando uma liderança inquestionável que influencia os seguidores que não contestam.

A ligação do bolsonarismo com as redes sociais e as ideologias de extrema-direita é deveras complicada, isso pois, o discurso de ódio propagado por eles está diretamente ligada ao crescimento do número de células neonazistas no Brasil (Albuquerque et al, 2024). Esse é, portanto, um debate que discute o tipo de liberdade de expressão que está sendo propagada por esse setor da sociedade e qual seria na verdade, o intuito dessa propagação de negacionismos. Podemos nos questionar, inclusive, de que forma afastar o nazismo da direita permite que o

bolsonarismo se aproprie de seus discursos e símbolos e socialize essa ideologia nas redes sociais.

O seguinte comentário do usuário N. R. é também na postagem do UOL Notícias, em 02 de abril de 2019, referente a visita de Jair Bolsonaro ao Memorial do Holocausto em Israel.



Facebook, 02 de abril de 2019.

Esse comentário se refere ao Memorial do Holocausto Yad Vashem, localizado em Israel, em que Jair Bolsonaro realizou uma visita durante sua passagem pelo país. N. R. afirma que esse museu supostamente classifica o nazismo como de esquerda, entretanto, o site oficial do memorial atesta que, na verdade, o nazismo é fruto do contexto da época do final da Primeira Grande Guerra e sem dúvidas de extrema-direita¹⁶. A lógica dessa narrativa não é negar o Holocausto como negam, por exemplo, a ditadura, e sim aproximar esse acontecimento repudiável à esquerda. O sentido aqui não é o de atribuir em busca de reparação ou justiça para os “reais culpados” e salvar a memória das vítimas e sim, difamar, buscando um efeito prático que se espalha rápido.

O último comentário aqui apresentado foi publicado no Facebook também no dia 02 de abril de 2019, é uma postagem em um post do perfil “O Antagonista”, que contém um artigo sobre a fala de Bolsonaro em Tel Aviv. O recado é curto:

Ao visitar o Museu do Holocausto, em Israel, Jair Bolsonaro ecoou Ernesto Araújo e disse que o nazismo é de esquerda: “Sem dúvidas. É o Partido Nacional Socialista da Alemanha”. Repetindo: é bom avisar os neonazistas de que eles estão do lado errado (O antagonista, 2019).

¹⁶ O site oficial do Memorial do Holocausto reconhece o nazismo como um fenômeno de direita: <https://www.yadvashem.org/holocaust/about/nazi-germany-1933-39/beginning-of-persecution.html>.

Mais importante do que estar à direita ou à esquerda, o que realmente definia as políticas e os objetivos de Adolf Hitler não era nem o capitalismo nem o socialismo: era o racismo. O nazismo, da forma como se consolidou na década de 1930, era caracterizado por um nacionalismo para poucos, os alemães "arianos". Qualquer outro grupo que não se encaixasse nisso não poderia participar do Estado alemão.

Facebook, 02 de abril de 2019.

E. F. prestou esse comentário discordando de Jair Bolsonaro, apesar de ser uma eleitora dele. Ela deixa bem claro em suas redes sociais o apoio ao ex-presidente e as suas ideias, como o voto impresso, o uso da medicação cloroquina para tratamento da covid-19 e se mostrou contra o isolamento social durante a pandemia. Ela entretanto, não parece concordar com a alegação proferida por Bolsonaro sobre o nazismo ser de esquerda, e sugere que o racismo é um fator mais importante para ser levado em conta do que a ideologia política. Se ela está certa ou não nessa afirmação não é o que será debruçado, mas a sua não concordância na totalidade com o líder que ela segue. É interessante pensar como podem existir temas sensíveis que são limites não ultrapassados por certos seguidores, mesmo que eles concordem com outras afirmações mentirosas e fantasiosas. Isso demonstra que, mesmo no bolsonarismo, é possível encontrar eleitores que em algum momento irão entrar em convergência com o líder apoiado, seja por simplesmente não endossar todas as ideias ou discordar, como foi o caso de Fátima.



Facebook, 10 de julho de 2020.

Danilo Reenlsober e Issaaf Karhawi (2022) em sua pesquisa sobre redes sociais e discursos bolsonaristas encontraram um segmento de seguidores que não são apoiadores radiais e nem estereotipados, não vivem em função da política. Os dois pesquisadores os chamam de “imprecisos”. Eleitores como E. F. não necessariamente se encaixam nesse mesmo padrão, mas é interessante pensar na possibilidade de que alguns seguidores, apesar de apoiarem ideologicamente Jair Bolsonaro, podem se deparar com tópicos em seus discursos que os leve a não concordar. No caso dos negacionismos históricos do discurso de Bolsonaro parece um pouco mais complicado, tendo em vista que é uma marca da sua personalidade enquanto político a aversão à esquerda e o retorno das pautas conservadoras, que influenciam diretamente nas suas falas negacionistas. Tão precisos são esses discursos que é difícil encontrar um seguidor que não concorde com tudo que é apresentado, a tendência é essa quando há esse encontro de ideologias. Mesmo assim, não é impossível, e as redes sociais são talvez o melhor lugar para compreender melhor atualmente em que temas esses desencontros existem.

As estratégias bolsonaristas são funcionais para os desejos que o grupo almeja alcançar. O uso das redes sociais tem um impacto importante nisso e muitas vezes as suas movimentações passam batidas, no sentido de que é tão valorizado o que foi dito e a necessidade contrapor que não se pensa nas estratégias, que acabam não tendo devida pesquisa sobre e, enfim, atingem seu objetivo (Rocha, 2023).

Jair Bolsonaro fez contatos e vistas à líderes de extrema-direita, como Donald Trump (Estados Unidos), Benjamin Netanyahu (Israel) e Santiago Abascal (Espanha), fazendo conexões com políticos que tem claras influências fascistas pregadas durante a Segunda Guerra Mundial e utilizadas para cometer diversos tipos de atrocidades durante o período. Essas ideias fascistas, que entram em cena em contextos de crise (Hobsbawm, 1995) estavam em alta no globo inteiro e demonstraram a força que a extrema-direita tem para se consolidar ou renascer ao mesmo tempo em diversos países ao perceber que estavam ficando para trás. A volta dessas ideias fascistas juntamente com seus líderes é um alarme constante de que os seus discursos se renovam junto com as sociedades e de que, apesar de clamarem por valores morais conservadores, os seus olhos estão sempre voltados para o futuro glorioso, mesmo engrandecendo o passado nostálgico clamado por alguns seguidores.

Essa é, portanto, uma das eficientes estratégias utilizadas por Jair Bolsonaro. O seu moderno discurso voltado para os interesses da extrema-direita no poder do país utiliza do passado para convencer o eleitor de que a vida pode voltar a ser como antes, de que o inimigo

que antes era reprimido e depois ganhou espaço na sociedade (e consequentemente está acabando com ela) pode voltar a ser controlado.

Considerações Finais

Concluimos, depois das múltiplas reflexões propostas aqui, a importância de compreender a conjuntura de insatisfação, ressentimento e sentimento de abandono pelos políticos, em especial os de esquerda, fortemente presentes que serviram como motor fundamental para a subida de Jair Bolsonaro no país até sua chegada na presidência em 2019. É imprescindível notar que Jair Bolsonaro foi apenas um dos líderes de extrema-direita que soube tirar proveito de situações conflituosas e crises nacionais e reverteu a situação ao seu favor. A sua retórica como salvador do país caiu com uma luva em um momento frágil e a defesa de pautas violentas que colocam em cheque direitos humanos e o retrocesso de políticas públicas foram de suma importância para a sua aclamação messiânica.

Além de entender o processo de ascensão de Bolsonaro, é imprescindível compreendermos também o papel da história e da utilização do negacionismo histórico em seus discursos, por isso pensamos que esse trabalho ajuda nessa ponderação e destaca a necessidade da ampliação do estudo da mobilização do negacionismo histórico no discurso da extrema-direita. Compreendemos que para tentar captar a atenção e apelar para as emoções de possível seguidores e eleitores, Jair Bolsonaro se muniu de distorções, falácias e memórias individuais para fragilizar o conhecimento histórico geral sobre acontecimentos do passado e gerar desconfiança: para ele, o inimigo do passado ainda é o mesmo inimigo de hoje que precisa ser derrotado. Ele contribuiu, dessa maneira, que fatos fossem colocados em dúvida e que o negacionismo se espalhasse com facilidade para a opinião pública.

Refletir e compreender a relevância desse tema é muitas coisas, mas certamente uma das mais importantes é a possível ajuda que esse pensamento crítico faz na prevenção de novos governos de extrema-direita que flertam com o nazifascismo e que aclamam o autoritarismo e golpes militares. Esse discurso ainda se encontra fortemente presente na esfera pública e permanece como um marco das estratégias da extrema-direita. O resultado na prática dessa soma de ideais conservadores e negacionistas é a propagação de ódio e violência, além de ser utilizada como justificativa para a chegada da extrema-direita no poder a qualquer custo, como quase ocorreu em 2022. As movimentações na frente dos quartéis após a vitória de Lula nas eleições demonstraram a força do bolsonarismo em todo o país e como essa parte da população estava disposta a tudo, entre cantar para os soldados e clamar por uma intervenção militar, por não aceitarem que o seu líder, Jair Bolsonaro, não estaria guiando-os para o progresso prometido.

O ato de 08 de janeiro em Brasília foi a certeza que precisávamos para saber que o bolsonarismo tentou levar o Brasil para um regime antidemocrático que não aceitava os

resultados das eleições. O plano que foi depois descoberto que visava o assassinato do presidente Lula, de seu vice Geraldo Alckmin e do ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes escancara a falta de apreço pela democracia e pela vida humana. Esse progresso deveria ser conquistado não importa o que precisasse, e o papel central de Bolsonaro na ideia desse golpe demonstra que o seu apego e admiração ao Carlos Alberto Brilhante Ustra continha também uma essência de ambição: Jair Bolsonaro queria ser o novo nome a ser admirado no futuro, ele seria um ex-militar que tomou as rédeas do país, e ele estava pronto para não deixar que os seus “inimigos” o interrompessem e fizessem oposição, por isso a insistência na necessidade dos assassinatos.

A condenação de Bolsonaro é, no entanto, um suspiro de alívio diante da tentativa de golpe. Reflete como as instituições políticas do Brasil ainda estão funcionando na engrenagem da democracia e não romperam com a força do bolsonarismo. É importante pensar como essa ideologia ainda segue viva e, mesmo preso, Bolsonaro consegue apenas com seu nome levar milhares de pessoas as ruas para pedir anistia dos seus crimes. Uma tentativa de golpe não é vista como uma tentativa de golpe, e sim como um ato de boa fé que iria purificar o país. Seguindo essa lógica, Bolsonaro deveria ser perdoado e, assim como os algozes da ditadura, eternizado na memória de alguns como um herói.

Isso demonstra, por fim, a linha tênue que vivenciamos entre a democracia e uma (nova) ditadura. O papel da história foi vital no avanço violento dessas forças políticas a partir do momento que a negação e revisão de fatos históricos ajudaram a promover a ideia de um novo inimigo similar ao inimigo do passado, apelando para memórias individuais e para o senso conservador que uma parte da sociedade tem. O esquerdista de hoje é o terrorista comunista de 1964.

Por fim, fica aqui os cumprimentos para a relevância de mais pesquisas acadêmicas que permeiem esse tema e que se proponham a investigar as consequências do bolsonarismo à longo prazo, além de buscarem aprimorar a metodologia da pesquisa em redes sociais e a ampliação dessas discussões para fora dos muros da academia. O pensamento crítico e a reflexão sobre os discursos, sejam eles de ódio, ou negacionistas, ou populistas, enfim, proferidos pelas figuras políticas estão em escassez e as consequências da naturalização das forças violentas ainda serão refletidas por muitos anos. Novas figuras como Bolsonaro irão surgir, alguns já buscam espaço antes mesmo da sua morte, como Nikolas Ferreira e Tarcísio de Freitas, por isso é imprescindível a capitulação das suas intenções para que, dessa vez, possamos estar mais preparados para derrotá-los não somente nas urnas, mas nos debates, na opinião pública, e que eles não encontrem lugar na casa dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Vinicius. Análise das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. **Political Observer| Revista Portuguesa de Ciência Política**, n. 12, 2019. Disponível em: <https://rpcp.observatoriopolitico.pt/index.php/rpcp/article/view/64>. Acesso em: 02 fev. 2025.
- ALVIM, Roberto. Secretário da cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento. **Canal do Poder 360 no Youtube**, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/3lycKFW6ZHQ?si=UISgPggr68K2pRfS>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- ALMADA, Pablo Emanuel Romero. O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/CZWVW6TYjyzGpPnYG9Nnyfr/>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- ALBUQUERQUE, Renan et al. O bolsonarismo e a cólera nas redes sociais: reflexão e crítica sobre a comunicação de submundo. **Emancipação**, v. 24, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/22070>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- ANSART, Peirre. História e memória dos ressentimentos. Tradução Maria das Graças. **Exilium Revista dos Estudos da Contemporaneidade**, v.3, n.5, p. 209-232, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367321377_Historia_e_memoria_dos_ressentimentos. Acesso em: 07 jun. 2025.
- APRATTO, Camila Schatkoski. **A Influência do Jornalismo de Entretenimento na Construção da Imagem de Bolsonaro Uma Análise das Participações do Programa Cqc de 2009 a 2012**. Monografia (bacharelado em jornalismo) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 70. 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/26313>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- ASSIS, Ingrid Pereira. LEITE, Paulo Victor Arouche “O Discurso De promoção Do Prêmio Nacional Das Artes E Sua alusão Ao Regime Nazista alemão”. **Intexto**. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202253.106517>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, p. 161-184, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/cYtjsrRVpgcwbZh4c7C48FS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- AZEVEDO, Davi Quintanilha Failde. CARVALHO, Morgana Medeiros Espíndola. Caso Vladimir Herzog e o Papel da Defensoria Pública na Efetivação do Direito à Verdade e Memória. *Revista Jurídica da Defensoria Pública do Estado do Tocantins*, v. 4, n. 1, p.14-61, 2019. Disponível em: https://static.defensoria.to.def.br/editorial-media/1/numero-1/vol-4/guest_manuscript/81b3ffc2-b6c9-4f11-9749-7a4e1b1519dd.pdf. Acesso em: 11 mar. 2025.
- BAUER, Caroline Silveira. Jair Messias Bolsonaro e suas verdades: o negacionismo da Ditadura Civil-Militar em três proposições legislativas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 82, p. e20240207, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/47FGdR7fHvpvzXCbzHdGYMq/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2025.

BAUER, Caroline Silveira. Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro. In: KLEM, Bruna. PEREIRA, Mateus. ARAUJO, Valdei (Org.). **Do fake ao fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, p. 173-194, 2020.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 21, p. 85-104, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/ThSvKfHst9C9ZBCK5cRgzWs/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BEER, Paulo et al. O viés das mídias sociais: verdade e angústia nas políticas de engajamento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 27, p. e231071, 2024.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Relatório Final. Brasília: Comissão Nacional da Verdade, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 03 fev. 2025.

BRASIL. Presidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, após o encontro com comunidade brasileira de Raanana - Tel Aviv/Israel. Tel Aviv, 02 abr. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/entrevistas/entrevista-coletiva-concedida-pelo-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-apos-o-encontro-com-comunidade-brasileira-de-raanana-tel-aviv-israel>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BRASIL. Presidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Solenidade de Posse e Despedida de Ministros de Estado - Palácio do Planalto. Brasília, 31 mar. 2022. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-solenidade-de-posse-e-despedida-de-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>. Acesso em: 27 fev. 2025.

BRASIL. Presidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de encerramento do Seminário de Indústria de Defesa - Buenos Aires/Argentina. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-encerramento-do-seminario-de-industria-de-defesa-buenos-aires-argentina>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Presidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na "Abertura do Debate Geral da 77ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas - AGNU". Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-do-debate-geral-da-77a-sessao-da-assembly-geral-das-nacoes-unidas-agnu>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Preesidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Palestra proferida pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex->

[presidentes/bolsonaro/discursos/palestra-proferida-pelo-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-escola-de-comando-e-estado-maior-do-exercito](#). Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL, CNN. Presidente Jair Bolsonaro defende golpe de 64 e Daniel Silveira. **Youtube**, 31 mar 2022. Disponível em: <https://youtu.be/zDSJwaUCeRQ?si=Nf3NXI9Q6dfwaQbw>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CARLO, Josnei; KAMRADT, João. Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12431/0>. Acesso em: 14 set. 2025.

CASTRO, Ricardo Figueiredo. Extrema direita, pseudo-história e teorias da conspiração: o caso da negação do Holocausto. **Jornal online O Globo “Proliferação de grupos neonazistas aterroriza o Sul”**, v. 6, pág. 04, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645773/13072>. Acesso em: 22 fev. 2025.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SCHARGEL, Sergio. O Bolsonarismo conforme idealizado pelo Messias: análise de conteúdo sobre o Projeto Fênix. **Boletim Historiar**, v. 11, n. 01, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/21375>. Acesso em: 10 mar. 2025.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. Editora Planeta do Brasil, 2013.

FERNANDES, Alessandro. Uma Análise sobre a Natureza Ideológica do Fascismo e do Nazismo: Refutando a Vinculação com a Esquerda. **Cadernos do Leste**, v. 24, n. 24, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caderleste/article/view/54414>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRIGO, Denise. O legado digital na pesquisa histórica: reflexões sobre fontes digitais. **Revista Aedos**, v. 13, n. 30, p. 42-53, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/104253/0>. Acesso em: 09 mar. 2025.

GALLINDO, Dora; PUREZA, Fernando Cauduro. Negacionismo em rede (s): a cadeia de produção e difusão negacionista da Ditadura Militar nas mãos da extrema direita. **Revista História Hoje**, v. 13, n. 28, 2024. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1195>. Acesso em: 03 mar. 2025.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das letras, 1986. Acesso em: 24 nov. 2025.

HAN, Byung-Chul. Carl Schmitt e a política da violência: amigo e inimigo. **Portal Cioran Brasil**. 2017. Disponível em: <https://portalcioranbr.wordpress.com/2025/06/02/politica-violencia-byung-chul-han/>. Acesso em: 03 out. 2025.

HERRMANN, Leonardo Brito. **A relação entre Brasil e Israel no governo Bolsonaro: Impactos do discurso religioso evangélico na condução da política externa brasileira**.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38923>. Acesso em: 30 jun. 2025.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

JORNALISMO, Band. Bolsonaro: Período militar não foi ditadura. **Youtube**, 29 out 2018. Disponível em: <https://youtu.be/IMJPNlOqQTI?si=10y5BRUU-fHdxwuk>. Acesso em: 17 fev. 2025.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 2020. Acesso: 25 nov. 2025.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: uma biografia**. Tradução Luiz A. de Araújo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

LVOVICH, Daniel. **Algunos apuntes sobre negacionismo y relativización, entre Europa y América**. In: Gonçalves, Marcos. Boschilia, Roseli. Netto, David A. Castro (Org). Direitos Humanos em tempos de opressão: narrativas sobre vulnerabilidades e resistências. Curitiba: Editora UFPR, 2023.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre história e historiografia digital. **Boletim Historiar**, 2014. Acesso: 25 nov. 2025.

MAZUI, Guilherme. “Fora da agenda, Bolsonaro se reúne com deputada de extrema-direita da Alemanha”. G1, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/26/forada-agenda-bolsonaro-se-reune-com-deputada-deextrema-direita-da-alemanha.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2025.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 270-289, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657817>. Acesso em: 27 fev. 2025.

MAIA, Tatyana de Amaral. Negacionismo histórico e emergência da extrema direita A crise do regime moderno de historicidade no Brasil (2019-2022). **Varia História**, v. 39, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/6vDzdFVMV3dGHktNVZMBFNp/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MEINERZ, Marcos. O negacionismo do holocausto como estratégia política contemporânea: uma análise a partir de discursos de extrema-direita difundidos entre os séculos XX e XXI. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 17, n. 33, p. 21-51, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/16126>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MONTESANTI, Beatriz; CHIARI, Talita. Após visitar o museu do Holocausto, Bolsonaro diz que nazismo é de esquerda. **Notícias UOU**, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/04/02/em-ultimo-dia-em-israel-bolsonaro-visita-o-museu-do-holocausto.htm>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. Jair Bolsonaro no universo da extrema direita. **Revista Caliandra**, v. 1, p. 51-67, 2021. Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/revista/index.php/caliandra/article/view/6>. Acesso em: 15 set. 2025.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. **A negação da shoah e a história**. Porto Alegre: casalettras, 2019. Acesso em: 24 nov. 2025.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. **A extrema direita francesa em reconstrução: Marine le pen e a desdemonização do Front Nacional (2011-2017)**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

NETO, Odilon Caldeira. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5026762>. Acesso em: 13 set. 2025.

NETO, Odilon Caldeira. Os usos do passado pela extrema direita e caminhos alternativos possíveis. In: Marilene de Paula e Manoela vianna (Org.). **Democracia sob pressão: reflexões sobre a extrema direita com as chaves do passado, presente e futuro**. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Stiftung, 2025.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. **Politika**, 2023. Disponível em: <https://www.politika.io/index.php/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo>. Acesso em: 17 jul. 2025.

NICODEMO, Thiago; ROTA, Alesson Ramon; MARINO, Ian Kisil. **Caminhos da História Digital no Brasil**. Vitória: Milfontes. 2022.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

OLIVEIRA, Bruna Silveira de; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Redes Bolsonaroistas: ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. **Confluências**, v. 22, n. 3, p. 83-114, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346660030_REDES_BOLSONARISTAS_o_ataque_ao_politicamente_correto_e_conexoes_com_o_populismo_autoritario. Acesso em: 15 mar. 2025.

PALUDO, Larissa Júlia; FRAGA, Gerson Wasen. A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4544>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PEDRETTI, Lucas. Bolsonaro e a luta contra a memória das vítimas da ditadura. **Etcetera**, n. 6, p. 7, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9139095>. Acesso em: 06 set. 2025.

PICUSSA, R.; CODATO, A. **Outsiders na política: uma visão geral**. **SciELO Preprints**, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4533. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4533>. Acesso em: 20 fev. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 17 fev. 2025.

QUADRAT, Samantha. Perspectivas da história do tempo presente no Brasil: entrevista com Francisco Carlos Teixeira da Silva. **Tempo**, v. 30, n. 1, p. e300114, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/Y4k5NK4tGrRdNfHCjPPck9n/?lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2025.

REENLSOBER, Danilo; KARHAWI, Issaaf. Ethos Nas Redes: Os Seguidores de Jair Bolsonaro no Twitter. **Revista GEMInIS**, v. 13, n. 1, p. 167-187, 2022. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/636&ved=2ahUKEwitydTJ6viNAXWlr5UCHVP5NOcQFnoECCQQAQ&usg=AOvVaw0_CIV2zEjYSFP1O6pGDk8I. Acesso em: 03 mar. 2025.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. e36709-e36709, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/36709>. Acesso em: 22 fev. 2025.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BERTOL, Rachel. Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado. **RuMoRes**, v. 15, n. 29, p. 16-37, 2021. Disponível em: DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum.2021.181756. Acesso em: 26 fev. 2025.

ROMANO, Roberto. Bolsonaro e o ressentimento. **Jornal da UNICAMP**, 2019. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/roberto-romano/bolsonaro-e-o-ressentimento/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: Da Guerra Cultural ao Terrorismo Doméstico**. Belo Horizonte: Autêntica. 2023.

RODRIGUES, Fernando; VASCONCELOS, Cláudio Beserra. Os oficiais brasileiros da reserva e a defesa da memória institucional do “31 de março de 1964”. **História Unisinos**, v. 18, n. 3, p. 514-528, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.05>. Acesso em: 06 mar. 2025.

RODRIGUES, Fernando. Rosa, Marcos Alexandre. Análise do Discurso do ex-secretário especial da cultura: Vozes (neo)nazistas e(m) diálogo tropicalizado. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**. 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16427>. Acesso em: 5 jul. 2025.

RUZZA, Antônio. Os nazistas eram de esquerda?. **Revista Lumen**, v. 4, n. 7, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/110>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SIMON, Pedro; RODRIGUES, Randolfê. Congresso Nacional: devolução simbólica do mandato presidencial a João Goulart. **estudos avançados**, v. 28, p. 137-152, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/xCHyzWX8mVVwRdj7R8HvGKx/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. O que diferencia, de fato, um Golpe de uma Revolução?. **Anais da Semana de História**, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23117>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, Rosiene Aguiar; CORTES, Gerenice Ribeiro. O discurso de apologia à ditadura militar nas mídias digitais: entre o silenciamento e a equivocidade de sentidos. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 17, n. 37, p. 115-134, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/41762>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SANTOS, Leonardo Pires; VAZ, Telma Romilda Duarte. O Ovo da Serpente: Reflexões sobre a ascensão do neonazismo brasileiro a partir de 2019. **UFMS**. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/jspui/handle/123456789/10754>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SARGENTINI, Vanice; CHIARI, Geovana. Mentirosos, corruptos e comunistas! Então, Fake News é politicamente incorreto. **Discurso & Sociedade**, n.º 3, p. 449-467, 2019. Disponível em: <https://rua.ua.es/entities/publication/d08e6422-6bf7-4e2c-b22a-512ab49cf0b9>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1171-1195, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/8T8McWGgvC6xh5tnwKrr8Nz/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo: como isso pôde acontecer**. Editora Jandaíra, 2022.

TEIXEIRA, Izabela Vaz; CALANDRIN, Karina Stange. Considerações sobre a relação Brasil-Israel na atualidade: a ideologia em perspectiva. **Economia Política, Política Internacional y Relaciones Internacionales**. Congreso Internacional de la Asociación Mexicana de Ciencia Política (AMECIP). 2019. Available at: <https://alacip.org/cong19/66-calandrin-19.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

UOU. Bolsonaro ironiza tortura sofrida por Dilma Rousseff. **Youtube**, 29 dez 2020. Disponível em: <https://youtu.be/myaIBP-9OGg?si=JSWiD0hvt3H2fXZ4>. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Apresentação-Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/mKqygYCGFLmDBCNWmVKJ4gd/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

VIVA, Roda. Jair Bolsonaro. **Youtube**, 30 jul 2018. Disponível em: https://youtu.be/IDL59dkeTi0?si=nq9_loNce4Zp7rG2. Acesso em: 13 fev. 2025.